

# AUTORES & LIVROS

Ano V  
4/3/945

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ" Vol. VIII  
publicado semanalmente, sob a direção de N. 5  
Lucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

## Noticia sobre Heraclito Graça

Heraclito de Alencastro Pereira da Graça nasceu em Icó, Ceará, em 18 de Outubro de 1836. Era filho do Conselheiro José Pereira da Graça, Barão de Acarai, que àquele tempo era desembargador na capital do Maranhão, e que depois foi ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Em 1856, terminou, com muito brilho, o seu curso de Direito na Faculdade de Recife.

Regressou ao Maranhão, indo viver em companhia dos pais. Obteve então, sua nomeação para promotor de S. Luiz, mas apenas permaneceu no cargo por um quadriênio. Findo esse período, pediu demissão, consagrando-se à advocacia e à política.

Fez parte do Partido Conservador. Tendo como companheiros Gomes de Castro, Vieira da Silva e outros, fundou a "Situação", jornal em que defendeu as idéias do partido. Simultaneamente trabalhava em um periódico literário e ilustrado que também tinha a colaboração de Genil Braga, Joaquim Serra, Trujano Galvão e outros. A produção de Heraclito Graça, a esse tempo, era de prosa e verso, e nelas notavam-se os seus grandes conhecimentos de filologia.

Maranhense adotivo, deu-lhe o Maranhão representação na Câmara da província em duas legislaturas. Heraclito Graça mostrou-se ali um orador perfeito, um parlamentar de primeira ordem.

Em 1868 veio para a Câmara Geral, sendo eleito nas duas legis-

laturas seguintes. Os "Anais" do Congresso nesse tempo estão repletos de excelentes discursos seus.

Registrou-se a atuação que ele teve nos debates da reforma judiciária (1871) do recrutamento eleitoral (1875), da lei do Voto Livre. Nesse último debate a sua palavra revelou-se de uma extrema importância.

Deixou, porém, o Parlamento, e entregou-se às atividades da administração. Foi primeiramente presidir a província da Paraíba; depois presidiu a do Ceará.

Em 1877, voltou a morar no Rio de Janeiro, indo a princípio advogar em companhia de José de Alencar, de

quem era grande amigo.

Rio Branco convidou-o para advogado do Brasil nos tribunais distritais do Peru e da Bolívia. Heraclito Graça desincumbiu-se magistralmente da comissão, sendo depois disso nomeado consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, cargo que ocupava quando faleceu.

Em 1905, na vaga de Pedro Habelo, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, tendo tomado posse por carta.

Heraclito Graça faleceu em 16 de Abril de 1914, em casa de seu filho Dr. Alvaro Graça, que era, então, delegado de Saúde da 2.ª Zona desta cidade.

## ADVERTENCIA

(De "Fatos da Linguagem")

HERACLITO GRAÇA

Reunem-se aqui em livro com o título Fatos da Linguagem os artigos publicados interpoladamente no "Correio da Manhã", de 26 de Fevereiro a 16 de Novembro de 1903, sob a epigrafe Notações filológicas.

Outro feição e maior desenvolvimento de alguns tópicos requeria esse trabalho, modesto e ocasional, para converter-se agora na grave e duradoura forma que toma, que o Autor nunca teve em mira e a que o forçaram ainda rogos, nuances e instantes.

Tarefa tão árdua penou de disposição e tempo; e tempo e disposição para isso faltaram absolutamente ao Autor.

Assim, o livro reproduz os artigos, como apa-

receram da primeira vez, precedidos da carta que os acompanhou, endereçada ao Exmo. Sr. Dr. Lucio Veloso Filho (Gil Vidal), redator daquele diário.

E, no decurso da re-impressão, apenas poderá o Autor reificar órfãos, reparar desenhados e suprir palavras e frases que escaparam na publicação primitiva, ampliar exemplos e intercalar uma ou outra nota necessária à elucidação do texto.

Só o título geral dos artigos é substancialmente mudado. Afigurou-se ao Autor que "Fatos da Linguagem" exprimem mais justamente do que "Notações filológicas" o objeto da obra e o pro-

(Cancele na pág. 84)



Heraclito Graça, por A. Pacheco

## SUMARIO

PÁGINA 65	PÁGINAS 74, 75, 76 e 77:
— Noticia sobre Heraclito Graça.	— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. — Segunda série — Antologia da prosa — XX — José Maria Belo
— Advertência (de "Fatos da Linguagem").	— Nota sobre José Maria Belo.
PÁGINA 66:	— Bibliografia de José Maria Belo.
— Sirva de prólogo (aos "Fatos da Linguagem").	— Algumas fontes sobre José Maria Belo.
— Vocação de Heraclito Graça, de Mário de Alencar.	— Alcebades, de José Maria Belo.
PÁGINA 67:	— Floriano Peixoto (Retrato) de José Maria Belo.
— Heraclito Graça, como crítico — O Direito das Obrigações, de Clovis Bevilacqua.	— A crise econômica, de José Maria Belo.
PÁGINA 68:	— Joaquim Nabuco, de José Maria Belo.
— A mudo, de Heraclito Graça.	— Pedro II, de José Maria Belo.
PÁGINA 69:	— Mario de Andrade.
— Baila, de Heraclito Graça.	PÁGINA 78:
— Os "Fatos da Linguagem", de Antonio Sales.	— Um palácio das Belas Artes, de Raul de São Victor.
PÁGINAS 70 e 71:	PÁGINA 79:
— Retrato de Heraclito Graça, de Antonio Augusto Regêtilo.	— A morte de Luiz Mariano de Oliveira, de Mucio Leão.
— Advertência (de "Fatos da Linguagem"), de Heraclito Graça.	— Quatro poemas de Maria das Dores Pereira da Silva:
PÁGINA 72:	— Impossível
— De resto, Heraclito Graça.	— Espera inútil
— Entre eu e ele — entre ele e mim, de Heraclito Graça.	— Canção
	— Passaros sem ninho.
	— Dois poemas de Menotti del Picchia:
	— Sobre o túmulo do último homem.
	— Mistério da Encarnação.
	PÁGINA 80:
	— Registrando a data da morte de Rui Barbosa.
	— Credo, de Rui Barbosa.
	— A vida dos Livros.

# SIRVA DE PROLOGO VOCAÇÃO DE HEDERACITO GRAÇA - Mario de Alencar

"Men caro 'Gai Vilal' de soló-las, e evitar errendendo-me a sua in-ros grunçeiros. Vale muitíssima reiterada, encio-  
le as primeiras tiras do trabalho, já concluído, a  
que por simples estudo o brasileiro sabem mal a  
para meu exclusivo ensi-lingua riquíssima e har-  
namento me entreguei, moniosa que lhes tocou  
confutando por ordem em sorte, e, desdenhan-  
alfabética algumas opi-  
ções e sentenças do Sr. Cándido de Figueiredo,  
derramadas na primeira  
série dos artigos filológi-  
cos que publicou no  
"Jornal do Comércio",  
desta Capital, sob a epi-  
grafe "O que se não deve  
dizer", e nos três volu-  
mes das "lições práticas  
da língua portuguesa",  
volumes que, por notícia  
daquelles artigos, e quan-  
do o autor passou no  
mesmo jornal a occupar  
se dilatadamente da nos-  
sa inextricável orthogra-  
fia e de estrangeirismos,  
procurei ler e efetiva-  
mente li, admirando a  
profusão, brevidade e le-  
veza dos capitulos, e per-  
filhando a doutrina d'elles  
em quase tudo.

E' V. um exemplar na  
arte de escrever. Em bre-  
ve trecho revelou-se exi-  
mio escritor e perfeito  
jornalista politico, di-  
namicamente com pleno co-  
nhecimento e proprieda-  
de tratando o assunto que  
o preocupa e expressan-  
do-o em linguagem ele-  
vada e perspicua, com  
precisão, concisão, rigor  
e simplicidade mara-  
vilhosa, coisas que raramente  
andam juntas.

Assim, muito me edi-  
fica dizendo e supondo  
V. que da publicação de  
meus pobres reparos a  
alguns pontos filológicos  
e vernáculos do Sr. Cándido  
de Figueiredo virá  
proveito a quem em mu-  
ltas aperturas procura o  
fio do labirinto da ciên-  
cia da linguagem portu-  
guesa, lamentando que  
ainda não tenha esta a fi-  
xidade de outras linguas.  
da franceza, por exem-  
plo.

Em todas, as linguas e  
na sua constante evolu-  
ção, há e há-de haver di-  
vidas e incertezas. Na  
francesa, se a parte ortho-  
gráfica logrou uniformi-  
zar-se, o mesmo não su-  
cede com a construção.  
Unicamente as que não  
na conhecem gramatical-  
mente, serão estranhas  
as innumeráveis difficul-  
dades que os mestres regis-  
traem, ensinando os meios  
mais seguros e adequados

Creio que do meu tra-  
balho, que V. porfia em  
publicar, resultará prin-  
cipalmente um fato: ver-  
se que é tão vasto e bas-  
to o material dos nossos  
clássicos, que até um li-  
terato e filólogo do tómo  
do Sr. Cándido de Figuei-  
redo, provavelmente por  
escassez de tempo para  
consultá-los com vagar à  
medida que aprestava a  
resposta illustrativa às  
multiplices questões que  
lhes eram sujeitas, os ex-  
cepcion ás vezes, equivo-  
cando-se, e induzindo,  
por isso, em erro a con-  
sultantes e leitores, a  
quem era seu propósito  
esclarecer e instruir, co-  
mo o prova a valorosa  
campanha que há dezesas  
de annos sustenta indefe-  
so em Portugal contra os  
corruptores da lingua de  
seu país, nomeadamente  
contra os escritores da  
imprensa diária e periódica,  
que a deturpam com  
estrangeirismo, solecismos,  
incorreções e des-  
temperos, por ventura  
em maior copia do que  
entre nós os confrades.

Oxalá que o illustrado  
Sr. Cándido de Figuei-  
redo, com a superioridade  
de seu espirito culto, re-  
ceba sereno minha hu-  
milde critica, já compe-  
netrando-se dos intuitos  
que o geraram, conformes  
aos seus, inspirados  
pela mesma santa causa  
e ardente amor à pureza  
da lingua materna, já be-  
névolos, indicando-me os  
erros e equívocos que eu  
cometer. Só os espiritos  
pequenezinos se conside-  
ram subdiores de tudo e  
indefectíveis em suas  
idéias e pareceres, bam-  
baleando-se em vaidades,  
que se enverperam irrita-  
ções á primeira e mais  
leve observação. E o pa-  
dre António Vieira di-  
zia: "quem não é dócil,  
não pode ser douto".

Abrça-o seu velho  
amigo afetuoso — HE-  
RACITO GRAÇA.

24 de Fevereiro de  
1903".

Nós devemos ser o que so-  
mos, embora bárbaros. Bar-  
baros pela essência ou pelo  
transvio da concepção, ou  
por entalços ou por artificios,  
quase todos o temos sido  
no Brasil. E aqui mesmo na  
Academia poucos não o se-  
rão. Pardal Mallet, patrono  
da vossa cadeira, foi um bár-  
baro forte que se gabava de  
o ser; e tinha talento para  
afrontar os descontentes. Po-  
dria Rabelo, que primeiro a  
occupou, também ter bárba-  
rio, mas por frequencia des-  
perdição o talento, despercia-  
lizando-se em estilo para que  
não tinha complexão. O vos-  
so antecessor foi um bárbaro,  
porque fechou os olhos á con-  
templação da beleza.

Lembrastes-nos agora, nu-  
ma apreciação comovida e  
justa, o valor moral de He-  
deracio Graça, a honestidade  
da sua intelligencia, a profun-  
deza dos seus estudos lingui-  
sticos e a espantosa paciência  
dos seus trabalhos lexicográ-  
ficos. Dissostes-nos também  
o que ignorávamos, que ele  
na mocidade foi ou quis ser  
um poeta. Solto o poeta, o  
jornalista, o politico, o ju-  
rista, prevaleceu o operário  
situação dos textos da nos-  
sa lingua, applicado em labor,  
assiduo, por muitos annos  
consecrativos de obscuridade,  
que só se interrompia ac-  
cidentalmente, como nos con-  
statamos, pelo convite de co-  
laboração no *Correio da Mo-  
neda*. O mesmo tor do seu  
trabalho as anotações, acré-  
scimos, glosas, escritos profusa-  
mente em letra minúscula  
sobre o texto de livros, reve-  
lam a ausência da utilidade  
intelligencia o nosso confrade en-  
gavava menos em alargar re-  
nomie, ou fazer menção  
com o seu esforço, que em  
obedecer a uma necessidade de  
espirito, procurando instin-  
tivamente o seu máximo pra-  
zer. Creio que ele foi essen-  
cialmente um gramático, não  
um filólogo, mas um logó-  
ta, segundo a distincção que  
fazia o grego Zenon. E' ver-  
dade que, ao contrario da re-  
gra geral dos gramáticos, es-  
crevia bem, não era intrata-  
vel, nem rabugento, e tinha  
o animo disposto ao riso e á  
amabilidade. Era, sim, in-  
transigente como todo o es-  
pirito de credulidade ingenua,  
que firma o seu culto em re-  
ligião revelada. Para Herá-  
clito Graça, a nossa lingua  
se tornara uma religião; os  
autores primitivos, e em  
seus livros sagrados, de onde  
ele recolhera uma longa se-  
rie de dogmas intangíveis. O  
espirito religioso não admite  
progresso, nem a evolução; as  
primeiras criações são as per-  
feitas; só o pecado pode mu-  
dá-las, e o pecado é maléfico,  
porque traz a degenerescen-  
cia.

O nosso confrade teve as-  
sim as virtudes, os excessos e  
as fallas de sectário; ninguém  
relevar, soube mais a lingua  
portuguesa; mas de timosa-  
mente evitava convencer-se  
das conclusões da ciencia lin-  
guística. Por isso, em parte,  
foi um homem representa-

vo da nossa moeda. O Brasil  
não é somente o país das pa-  
lmas, e também a terra dos  
gramáticos, quero dizer, dos  
que têm o obsessão dos vocá-  
bulos e das regras de sintaxi.  
Depois de decorridos qua-  
tro seculos, e com a interpo-  
sição do Atlântico, reamamos,  
contra todas as leis da vida,  
em conservar intacto o voca-  
bulário português do seculo  
bárbaro português do seculo  
arabesco e, com o vocabula-  
rário, a prosódia e a syntaxi  
dos portugueses daquele tem-  
po.

Anatole France afirmou a  
inutilidade dos dicionários  
para o escritor que tem al-  
guma coisa a comunicar aos  
contemporâneos. Basta a lin-  
gua viva que elle manda e res-  
pira. Há exagero na afirma-  
ção, mas há também verdade.  
Os dicionários, inculcam o  
amor do vocabulo raro, o vi-  
cio da precisão, com que se  
fala mais á vista que ao  
entendimento. O mesmo es-  
criptor desdizido com razão a  
gramática investida de inu-  
tilidade. Os gramáticos não  
advertem que a derradeira in-  
futilidade humana, que é o  
papado, já não se exerce de  
sobre as minutas da vida.  
Esta condição é o movimento,  
é a renovação, e o resultado  
da morte, continuada e si-  
lenciosa.

Nós, os brasileiros, insis-  
timos em conservar parada a  
mesma lingua que no seu be-  
rço prossegue o curso natural  
de ser vivo. Em Portugal  
surgeu de quando em quan-  
do os solecismos, que são a  
contribuição providencial e  
vital do povo e, como é for-  
çoso, entraram no corpo da  
linguagem dos escritores.

Nós, os brasileiros, não que-  
remos admitir ao nosso povo  
o mesmo direito de colabora-  
ção aliamérica, e despreza-  
mos as suas inovações como  
brasilismos de ignorantes.  
A árvore replantada no solo  
americano e fecundo preten-  
demos impedir que a seiva  
lhe trouxa o cortico em bro-  
tos e reverdeça a folhagem e  
de lá flores a cor poxa do no-  
vo céu e nos galhos a flexibi-  
lidade do exercicio dos ven-  
tos da terra grande. No meio  
das nossas florestas, quere-  
mos que esta única árvore te-  
nha em plena vida o aspe-  
cto decrépito de tullias por-  
rentas e galhos ressequidos.

Mas, como é inevitável a  
ação influente mas insensivel  
da vida, o nosso permar apé-  
go a todas as formas classi-  
cas dá-nos ao estilo lingui-  
stico aquella mescla de arcaico  
e de novo, de raro e de comu-  
nidade que na arquitetura se  
chama o estilo moço. Escre-  
vemos uma terceira lingua  
que não é a dos modelos que  
imitamos, nem a do tempo  
em que vivemos. E' o adu-  
ma da seita gramatical.

O nosso saudoso confrade  
não pôde coibir o excesso de  
sua minuciosa crudição. A  
sua virtude foi o nobre amor  
que votava aos clássicos da  
lingua, e com o qual edifi-  
cou esse monumento de sa-  
ber intencional e útil, que a nos-  
sa Academia satisfazendo o

nosso voto, deve diligenciar  
em obter e publicar por voto  
de si mesma e da memoria  
do seu notável consocio. O  
que lauto por elle e que a  
sua culta do antigo tivesse  
digerido em limitações,  
obscurecendo-lhe os olhos pa-  
ra a visão da beleza. A lin-  
guagem não lhe dava mais a  
sensação de um organismo vi-  
vo; porque ele já tinha ana-  
tomizado, dissecado, classifi-  
cado e encamalhado como  
num museu de historia natu-  
ral.

Certo, elle poderia respon-  
der-me que para os seus olhos  
foza aquela a expressão da  
beleza, e que nesse trabalho  
achara, o que mais importa  
na vida, a razão de esquecer  
a vida. E eu não teria que  
replacá-lo, pois esse é o cri-  
tério absoluto da felicidade.  
E foi assim que elle, com  
tantas adversidades, que so-  
freu, pôde ser feliz com o seu  
amor religioso da lingua ve-  
lha, na companhia dos seus  
velhos livros sagrados.

Uma das lembranças mais  
vivas que conservo de He-  
deracio Graça, a de Enchides da  
Canha, num encontro nessa  
outra sala, há cerca de cinco  
anos. Visitávamos pela se-  
gunda vez, em despedida, Ana-  
tole France. Em torno do  
grande escritor francez eg-  
ravam-se alguns acadêmicos  
viageiros e desemboroados:  
José Veríssimo, Rodrigo Ol-  
vio, Sousa Bandeira, Felinto  
de Almeida, Medeiros e Al-  
buquerque. Três ficamos a  
redor: eu, que simulava um  
trabalho urgente com que  
justificava o meu afastamento,  
e Euclides da Cunha e He-  
deracio Graça, que passavam  
num dos extremos da sala,  
falando alto, rindo, como se  
estivessem só, ou alheios a  
tudo em roda. Em altavoz  
surpresa, e, ao sair em com-  
panhia de Euclides, disse-  
lhe o meu vexame e o certo  
da opinião que levava Ana-  
tole France de nós três, os  
seus heróis arcaicos. Euclides,  
também de um grande barba-  
ro nesso, tímido como um fa-  
barco e orgulhoso como um  
herói espanhol, respondeu-  
me que, ao contrario do meu  
recreio, Anatole France tro-  
ria dele e de Heráclito Graça  
uma ótima ideia. Não repe-  
ta eu naquelas passadas pe-  
le chão, naquele conversio  
em tom de escara, napre-  
sões sonoras? Tudo fora de  
propósito; era uma attitude  
de indiferença, e Anatole  
France com certeza teria en-  
tendido que elles eram dos ho-  
mens superiores.

Sacri da ingenuidade do  
hom Euclides: era a arrogân-  
cia tardia do seu acanhamen-  
to despetido; mas parecia  
que elle por ventura acertava.  
O escritor francez, requerido  
de todos os aspectos de civi-  
lização, mostra continue de  
todos os latos humanos, uma  
sentido surpresa ante aque-  
les dois homens indolentes  
da sua presença, dois heróis  
nos indecisos; e é possível  
que pela primeira vez o es-  
critor francez, requerido do  
pírito zombeteiro se vider



# Heracito Graça como Critico - O "Direito das Obrigações" de Clovis Bevilacqua

66. — "Direito das Obrigações", de Clovis Bevilacqua, lente catequética de legislação comparada sobre o direito privado na Faculdade de Direito do Recife, 1 v. 86 gr. 478 págs. Bahia, José Luis da Fonseca Magalhães, editor, 1896.

Aos autores mais conscientes da literatura jurídica brasileira veio reunir-se o Sr. Dr. Clovis Bevilacqua, publicando o "Direito das Obrigações", rico fruto de aturados labores, que afirma uma individualidade poderosa e ativa. Embora, com louvável modestia que sobrepuja a verdade, diga no prólogo o oporoso lente da Faculdade de Direito do Recife não foi seu intuito esquadriñar com arguta análise todos os recantos do curioso departamento do direito privado, conhecido pela denominação de "Direito das Obrigações", ou fazer descobrimentos em regiões a milde tribuladas pelos mais insignes mestres da jurisprudência, certo é que, pondo de lado o respeito ao direito de família, das coisas e das sucessões, objeto de trabalhos especiais, tratou o autor, no "Direito das Obrigações", do principal que ao assunto enle-

Devidamente a obra em duas partes: teoria das obrigações; causas geradoras das obrigações. Na primeira versa o seguinte: 1. conceito filosófico, romano e moderno das obrigações, sua natureza, seu sentido jurídico lato e estrito, sua definição, objeto e causas; 2. os direitos obrigacionais e as respectivas afinidades e diferenças com os outros ramos de direito, com a moral, economia política e psicologia; 3. a evolução e teoria dos direitos obrigacionais; 4. as formas contratuais; 5. a transmissão da obrigação coletiva para a individual; 6. a classificação e descrição das obrigações e seus efeitos no direito civil, comercial e internacional, privado; e finalmente como elas se extinguem e quais as consequências de sua inexecução. Na segunda parte — causas geradoras das obrigações — o A. investiga: 1. a teoria geral das obrigações, desce até à noção e função dos contratos; 2. a diferença entre elas e os atos jurídicos, os requisitos que as formam, validam e tornam exequíveis; os vícios que as anulam, provocam mera inexistência ou as anulam; a forma e prova dos contratos, sua classificação, interpretação e casos de inaplicação a leis estrangei-



Heracito Graça, por Endia

ra; 3. a promessa unilateral, como uma das causas geradoras dos contratos, expondo e justificando a teoria respectiva com a estipulação em favor de terceiro, com os títulos à ordem e ao portador e a promessa de recompra; 4. os atos ilícitos e suas consequências e outras fontes de obrigação; 5. os contratos em particular, descrevendo-os a três largos, mas com proficiência, tais como adoção, o empréstimo, o depósito, o mandato, a gestão de negócios, a compra e venda, a troca, a locação, a edição, a sociedade, o seguro, a constituição de renda, o jogo e aposta, e finalmente a fiança.

Destes finalmente ressaltam a vastidão e importância da obra; para aferir-lhe o exato merecimento, convém lê-la. Terá, entretanto, vantagem a leitura do que vale, quanto é útil e atual, quem souber que, filiando-se à sua doutrina dos mestres, estudando as novas relações e formas jurídicas criadas pelas necessidades e influências da civilização, estudando os processos da crítica moderna, o A. sempre atento à história, ao direito romano, ao pátrio e ao estrangeiro, à lição dos juristas, à jurisprudência dos tribunais, à evolução da ciência, quase todo perscruta, analisa e elucida, escolhe, sistematiza, teoriza, classifica, opina, lê, usa, e autoriza; e no ponto das controvérsias, raro é não inclinar-se às soluções mais constantes aos princípios, à razão e à equidade, circunstâncias que acredita seu tino jurídico, bem como ali ressumbra o largo e profundo estudo a que se consagrou. Assim, constitui o "Direito das Obrigações", um livro precioso de consulta e ensinamento, e na espécie faz jus a ser considerado obra singular na literatura portuguesa.

Porventura não ficou alguma vez distribuída a matéria como o exige a filiação lógica das idéias: afluem repetições; notam-se aqui e ali negligências, equívocos, lacunas. São leves defei-

tos a corrigir na próxima edição, que não tardará, já pelo mérito da obra, já pelo rápido consumo que a agnada, destinada, como é principalmente aos estudantes de direito, já pelo natural investigador do Dr. Clovis Bevilacqua e seu indefesso amor ao trabalho, cuja fecundidade é anormal entre nós. Não me parece sem proveito acentuar alguns reparos.

A asserção do A. exarada a p. 174 e 175 provoca retificação; pretende ele que, embora "ex-vi" da Ord. I, 4. 1. 50 § 3, possam os filhos famílias contraírem responsabilidades sobre seus bens próprios, negativos o Cod. Com. art. 135, a capacidade de contratar. Mas, no lugar indicado, o Código se limita a permitir a profissão de comerciante ao filho famílias, maior de dez anos, para isso autorizado pelo pai, por meio de escritura pública. Daqui se vê que o Código não reputa incapaz de contratar o filho famílias maior de dez anos; apenas o fere com a incapacidade peculiar da comerciante, salvo autorização paterna.

Como uma das causas da extinção da locação cummea o A. a falência do locador ou do locatário, apoiando-se em Teixeira de Freitas. Consolidação das leis civis, art. 653, nota 3. Este exímio jurista não lhe sufragava a opinião, ao contrário; depois de lembrar que nada mais falso do que o provérbio — "morte e casamento desfaz o rendimento", em face da Ord. I, 4. 1. 45, § 3, que impõe a herdeiros a obrigação de cumprir os contratos daqueles a quem sucedem, conclui que, por identidade de razão, também não se resolve o arrendamento, pela falência do locador ou pela falência do locatário, salvo se a locação for feita com proibição de ceder e sublocar. E Zacarias de Troslog, Duvergier e outros juristas, bem como a jurisprudência, firmaram o princípio da não rescisão da loca-

ção, pela falência do locatário, exceto se ficar em risco o direito do locador.

Censurando, com razão de sobre, a dureza da ordenação que permite despejar durante o arrendamento ao inquilino, se precisará da casa o locador para sua morada ou de seus filhos e irmãos, acrescenta o A. que, "neste caso", requeirando de rigor, a lei denega, ao inquilino e pagamento denega, ao inquilino a oposição suspensiva d'odespejo até a liquidação e pagamento do valor das benfeitorias autorizadas pelo senhorio. Não é porém, só "nesse" caso que a lei tira o despejo do inquilino o efeito suspensivo; é em todos os "quatro casos" da Ord. I, 4. 1. 24, conforme se acha sumariado na referida Consolidação, art. 670, e expressamente disposto no final do Ato de 23 de julho de 1811.

A solidariedade dos signatários das letras de câmbio não é efetiva somente quando nelas há mais de um sacador ou endossador, como sustenta o A. apoiando-se, aliás, no art. 422 do Código do Comércio, que estabelece expressamente doutrina diversa nestes termos: "Todos os que sacam ou dão ordem para o saque, endossam ou aceitam letras de câmbio ou assinam como aboadores, ainda que não sejam comerciantes, são solidariamente garantidos as mesmas letras e obrigados ao seu pagamento". Nas letras de câmbio ordinariamente há um sacador, pessoa singular ou coletiva; pode haver endossador, se o portador, ou a pessoa a favor de quem foi sacada a letra, não a endossou. Isto não obstante, apresentando-se o portador a cobrá-la, depois de preenchidas as formalidades legais, são solidariamente obrigados ao pagamento, tanto o sacador como o aceitante ou sacado, por força daquele artigo 422 do Código Comercial e da nunca jamais interrompida jurisprudência dos tribunais.

Nas letras da terra, em tudo iguais às letras de câmbio, com a única diferença de serem passadas e aceitas na mesma província (hoje estado), o (Cod. Com., art. 426), também se dá ampla e absoluta solidariedade de pagamento. E, ordinariamente nas letras da terra, quando a obrigação de pagar é restrita à pessoa do aceitante para com o do sacador ou à sua ordem, só aparece o endosso deste a um terceiro depois de vencida e não paga a letra. Mas, este, se não passou a letra adiante, não é um endossador, é um simples portador dela, tem o indisputável direito de se pagar ou do sacador é simultaneamente endossador, ou de aceitante, ou de ambos, porque ambos, se bem que não haja no título sinão um só sacador ou endossador, são solidariamente responsáveis pelo pagamento.

Nem no depósito nem no mútuo ocorre ao A. uma espécie, larga e longamente agitada em nosso fóro, sobre a qual felizmente parece afirmada a jurisprudência, aplicando-lhe a doutrina do artigo 875 do Código Comercial. Assim como não pode ser considerado depósito o de gênero sem designação de espécie, e dinheiro que vence juros e a soma entregue a hanqueiros com a retirada livre, considera-se igualmente verdadeiro mútuo o depósito aparente de dinheiro com prazo certo para a restituição ou pagamento de quantia entregue. A comissão "del credore", tão importante no

tocante responsabilidade do mandatário para com o comitente pelos terceiros com quem por conta dele comente contrato, não dispensou, o A. senão breves palavras, citando para corroborá-las Códigos estrangeiros e esquecendo o nosso Código Comercial, que se ocupa do assunto nos artigos 175 e 179. Desbertando o A. sobre a fiança, não lhe adicionou as cartas de crédito e abono que aquele Código, no art. 261, previu e regulou.

Também, nem uma palavra escreveu sobre o "reporte", figura de direito nova, conhecida e praticada entre nós e de que se ocupam já os Códigos Comerciais modernos, como o italiano, e o português. Mas, a omissão mais lamentável do A. se me propõe o seu absoluto silêncio sobre as obrigações ao portador de letras "das sociedades anônimas" das sociedades anônimas e sobre as apólices do Estado ao portador. Savigny no "Tratado das Obrigações", incluiu-as, assim como os bilhetes hipotecários da Prússia, nos títulos ao portador, e as apreciou em sua natureza, variedades e efeitos. Quisera ver manteria tão grave tratada pelo A. do mesmo modo por que discretamente se descomprometia o contrato da edição, sobre que aliás não há lei nossa, como há sobre as obrigações ao portador das sociedades anônimas, Lei de 4 de novembro de 1892, art. 32, Deo(s) 24913, janeiro de 1890, art. 32 e Decreto de 15 de novembro de 1893. São tais títulos de tanta circulação entre nós e já têm suscitado tantas questões; revestidos de tanta tamanha garantia e formam recursos tão fecundos ao desenvolvimento das sociedades anônimas de capital limitado ou cujos acionistas não querem ou não podem ampliá-lo ou completá-lo pelo pagamento do resto das entradas, que é estranho havê-los esquecido o A.

Não me acodem outras observações que se prendem à substância do trabalho do Dr. Clovis Bevilacqua, nem me permitem maior desenvolvimento as estreitas proporções da seção bibliográfica da Revista e a simples leitura, se bem que azeza devida, que fiz da obra. Discutir teoria, escolas, sistemas, divagar em abstrações, destinar definições e acceitar apêices científicos, é tarefa avessa ao meu temperamento e oposta ao meu espírito, que mais se apraz e alimenta do que é certo, positivo, prático, aceito pelos mestres e sancionado pela anciandade dos tempos. Agradou-me a obra; com o pouco que sinceramente me saiu da pena em ligeiras observações, sendo a homenagem devidas aos talentos não comuns do Dr. Clovis Bevilacqua e fervoroso aplaudo o importante e útil trabalho que em boa hora deu à luz.

Todavia, com a franqueza que me é habitual, mormente dirigindo-me a pessoas de verdadeira valia, como o ilustrado Dr. Clovis Bevilacqua dizer-lhe que o seu notável trabalho seria criado de muito maior lavoura se subordinado à matéria e expandido em divagações especiais, outro fosse o seu estilo, outra a sua linguagem. "O Direito das Obrigações" é uma produção científica que o A. no prólogo declara dirigir principalmente aos "catecúmenos" do direito. Mais obrigatória para o A. a cumprir ser sua linguagem clara, precisa, concisa, cor-

(Continuação da pág. anterior) de informação e de respeito ante o desconhecido.

Tudo é ocasião de imagens, e assim se combinavam as do labirinto e as do céu; para finais, as imagens foram pretexto de formosas e alargadas frases; para Anatole France foram, e talvez já não sejam, as formas da sua negação sistemática.

A nossa Academia também é um templo e refúgio das imagens da vida: longe das dores e dos distúrbios, sobre o clêmero curso das novas existências precárias, não, tranqüilamente, ingenuamente, vemos a imagem da nossa perpétuidade.

Fica e ajudamos, sr. Antônio Antergênio.

Obrigações", por Clovis

# A MIUDO - Heraclito Graça

Atirava-se ao Sr. Cândido de Figueiredo que a locução adverbial *a miudo*, usada, aliás, desde os quinhentistas e que ele diz que é como quase todos escrevem modernamente, é uma forma sem justificação linguística, porque *miudo* significa pequenino, reduzido, insignificante; é uma bastardia de *a miude*, forma esta portuguesa, pois é a que significa amiudamente, muitas vezes, com frequência. Nestes termos, ordena a prescrição da locução adverbial *a miudo*; e ponderando que a língua não se aprende nos dicionários, na realidade dos fatos é preciso não confiar às cegas, afirma que só por leviandade ou irreflexão de alguns dicionaristas se há incluído no número das frases portuguesas o *a miudo*. *Lições práticas*, 1.º v., p. 242, 2.ª edição.

Assombrado semelhante opinião, destituída de todo o fundamento e indicativa de certa indisposição idiosincrásica: o adjetivo *miudo* não é só sinónimo de pequenino, reduzido, insignificante, significa também minucioso, *amiudado*, frequente, o que o Sr. Cândido de Figueiredo pôs de lado, esquecendo que o velho Bento Pereira, no seu vocabulário, impresso há duzentos anos, já ensinava o seguinte: "*A miude e a miudo*: FREQUENTER".

Recordo-me de um talento ao amigo que não tolerava os advérbios *debalde* e *em balde*. "Nem à mão de Deus Padre, dizia-me ele, excitado, empregando semelhantes frases; sei que estão nos clássicos, mas são ambíguas; não quero que ninguém se atreva a torcer o sentido do que talo; em balde

procurei chorar... podem supor que chorei em um balde; de balde fui à cidade... um jocosos pode perguntar-me que género de locomoção é *de balde*. Nada, está proscripção de *de balde* e em forma *a miudo*."

Mas... as idiosincrasias não legistam sobre as línguas; e, se é certo, e por mim também verificado, há muitos anos, que a língua não se aprende nos dicionários, e que estes, entre nós, além de falhos, se repetem e copiam sem crítica até nos erros mais palpáveis e visíveis — no ponto da questão não incorrem absolutamente em censura, registaram fielmente um fato da língua.

Tanto entre os clássicos modernos, como entre os antigos, todos estes mestres, as formas *a miudo* e *a miude* são usuais na aceção de amiudamente, repetidamente, com frequência, com pequenos intervalos, muitas vezes, etc.

O Leal Conselheiro e a Arte de bem cavalgar do rei D. Duarte, a *Crônica do Condestable*, as obras de Fernão Lopes, Azurara, Camões, Alexandre de Gusmão, Amador Arrais, fr. Luís de Sousa, Ferreira e outros apresentam de preferência a forma — *a miude*.

João de Barros, Lopo de Sousa Coutinho e outros usam de *amiude* e *amiudo*.

Francisco de Moraes, fr. Tomé de Jesus, Duarte Nu-

nes do Leão, Jorge Ferreira de Vasconcelos, o padre Manuel Bernardes, fr. António das Chagas Jacinto Freire, Francisco Rodrigues Lobo, Filinto e outros preferiram a forma *a miudo*.

Castilho, de quem o Sr. C. de Figueiredo transcreve um exemplo de *a miude* — e há mais exemplos disso — escrevia frequentemente a forma *a miudo*. No *Fausto*, na advertecia, pag. IX e XIII.

Nas *Geórgicas* duas vezes: "Contínuo se experimenta, ensaia-se *a miudo*". C. 3, p. 171.

"Pateia-se *a miudo*". Idem, p. 209.

No prólogo dos *Fastos*, p. XXVII "*a miudo* sacudida" e p. LI "*bem a miudo*".

Garrett — "o que nem se conhece *a miudo*". *Disc. e Mem.*, p. 79. — "Opinião *a miudo* indulta". Idem, p. 312. "*A miudo* é preciso começar mais cedo a educação". Educação, p. 95, idem, p. 81, etc. Camões c. 6 e c. 9 — D. Branca, c. 5 e 6, 10. Outras vezes escreve *a miude*.

Rebello da Silva — "Não admira que os remorsos visitassem *a miudo* as vigílias de Herodes". *Vida de Cristo*, t. I, p. 164.

Camilo Castelo Branco — "O Rei tinha bem de memória a voz do homem com quem conversava *a miudo* e aprazivelmente praticava".

*Prefácio à Carta de Guia de Camões*.

Lima Leitão, *Paraíso Perdido*, c. 3. — "*A miudo* a nova geração". — visitava *a miudo*, c. 4. Idem c. 5 e c. 12.

E assim quase todos os escritores modernos, segundo confessa o Sr. Cândido de Figueiredo.

*A miudo*, se não é mais antigo que *amiude* nos escritos e documentos, é muito mais vulgar, e devia, antes de *amiude*, andar corrente na linguagem oral.

Dier, *Grammaire des langues romanes*, t. 2, p. 427-432, mostra como se formou a maioria dos advérbios no latim e nas línguas que dele se originaram. Após os advérbios primitivos, os advérbios com os casos dos nomes, com ou sem preposição, singelos ou repetidos, no singular, no plural, em qualquer género; depois, os advérbios com os adjetivos, etc. Com os substantivos, no português: de frente, de salto, de dia, de noite, à fé, acaso, à maravilha, às invejas, às pressas, frente a frente, etc. Com os adjetivos, as locuções adverbiais, equivalendo às que se formaram com o lenitivo e a palavra *mente*, como, — certo, rápido, pronto, breve, presto, em breve, de plano, em vão, *a miudo*, *a ligeira*, *a antiga*, *às furtadas*, *às subitas*, *às ocultas*, pouco e pouco, pouco *a pouco*, etc.

*Miudo* é um adjetivo; assim não pode o Sr.

C. de Figueiredo estranhar a locução adverbial *amiudo*, descaída muito naturalmente do adjetivo *miudo*, como as locuções adverbiais análogas de tantos adjetivos — a descoberto, a frozão, a nu, a grande, a reto, a seco, etc. — e sendo certo que o próprio Fernam Lopes, que usava de *amiude*, empregou igualmente na crônica de D. João I, c. 1, p. 17 e na de D. Pedro c. 4, a locução adverbial *a miudo*, derivada do adjetivo *miudo*, no sentido de *miúdo*.

E *amiude*, forma que o Sr. C. de Figueiredo considera portuguesa, é porventura muito menos portuguesa do que *amiudo*, que é taxa de bastardia. Eu me explico:

*Amiudo* e *pelo miudo* tem sua fonte direccional no adjetivo *miudo*, que aparece na língua desde seus tempos primitivos no refrão "*não debaixo nem miudo*". *Amiudo* não se justifica historicamente, porque na língua portuguesa nunca existiu a forma *miude*, como adjetivo ou substantivo. Donde resulta evidente e incontrastável que *amiudo* é locução adverbial, de formação legítima, natural e popular; *amiude* é produto artificial erudito do rei D. Duarte e doutros dantes, a semelhança do advérbio latino no correspondente e doutros advérbios latinos que terminavam em *e*, e se perdiam, segundo observa Dier.

(Fatos de Linguagem)

venez singela, são e vigorosa o estilo.

Apunho ao acaso alguns trechos dos mais desonantes e notrassos. Logo à primeira página do livro, escreve o A.: "a ideia de obrigação facilmente desdobra a análise dois elementos essenciais: a limitação, o "encadernamento" da liberdade "pública", restringendo a expansão da personalidade, e consequentemente uma "estrição" que vem determinar a "ação", por uma do terminativo "suleco", das energias assemelhadas". — Se não é a respeito que inquiri o A., eu diria que a forma revolta a autogênese. A palavra "encadernamento", que significa também conexão, concatenação, união, sobre a palavra "limitação", que encerra toda a ideia do A.: o adjetivo "psíquica", unido à liberdade, é superfluo; um "estímulo" que vem determinar a ação por um determinado "suleco", das energias restringidas pela limitação da liberdade, e uma frase confusa pela impropriedade do substantivo "estímulo" e da figura do "suleco" por onde "va", as energias restringidas.

Deleu o A. a noção da coisa em Savigny; mas este, mais grau o germanismo, exprime a de um modo nítido, adequado, compreensivo: "em toda a obrigação temos duas pessoas coloco-

das em uma relação de desigualdade recíproca; de um lado, venho a liberdade pessoal limitada de seus limites naturais, como desonancia sobre a pessoa estranha, de outro lado venho a liberdade natural restringida, eu em estado de sujeição e constrangimento".

Da página 5 destaca este período frouxo e pouco inteligível, pelo abuso e mau emprego dos pronomes e advérbios: "isto é e condená-la: "A obrigação não vincula a pessoa "obrigada" a qualquer" ou a todas as outras que se acham em contato com "ela mesmo", em relação ao fato da obrigação. Para que "a" exista o vínculo obrigatório, é preciso que as pessoas eladas "por ele", se achem numa situação que não é comum a quaisquer outras; é preciso que por aro "delas" ou de outras ou em virtude da lei, esteja uma "delas" habilitada a exigir a prestação e a "outra" na contingência de cumpri-la". A pag. 24 se lê: "abandonando agora os marcos agitados desta bela ciência do trabalho e do valor, busquemos os "fjords" emparceados de "nãos ruinos capitos" doutrina que se "esforça" por surpreender a vida na "cripta obscura da consciência humana". Está atissonante e apocalíptico e por isso melhor brilhava o trecho nalgum escrito literário de agra-

ço gongorrista: Ama o A. as figuras, a linguagem transitiva. Em outro lugar assim se exprime: "Nos domínios da filosofia não se encontram somente opiniões inconcisas e fugidivas"; não há somente "obscuridades enganosas". "Vastos planos lavados do sol al se alongam". Nossas páginas se lê: "aproximamos peritica-se"; "esta energia "cristaliza a promessa"; "falamos em prol de todos estes tão valiosas razões da epistola e um nobres sentimentos indelmente arraigados na "psyché" humana". Basta isso. A propensão da humana, "psyché", seguramente o A. alude ao espírito humano, mas "psyché" não é vocabulário português, é francogermânico.

Psychia, Psyché, é como escrevem autores da autoridade de Jorge Ferreira, Sá de Miranda, Felinto e Garrett. Ninguém ignora que os nomes franceses femininos acabados em "e" e oriundos do grego, recebem em português a terminação em "e", "es" ou "is". Hebe, Psyché, Cleo, Danaé, Niobe, Semele, Circe, Thibé, etc. escrevem-se e soam em português Hebe, Psyché, Semele, Circe, Thibé, etc.

Está eladida a obra de muitos outros peregrinistas e modos de dizer estrangeiros. A página 330, por exemplo, lê: "esta proposi-

ção se lúpe com força de um "trismo". Creio que é anglicismo adotado como sacrifício de tantas palavras que na língua, termos exprimindo mesmo — acionna, verdade evidente, sentença, etc.

E' frequentíssimo do A. verho "constatar" e sens-desvados para significar provar, certificar, comer, referir, aluzar, documentar, verificar, etc. A página 164 emprega o A. "reclamo", como feminino e como se escreve na frase. "de dia a dia se unificamos títulos ao portador, os prospectos". "Reclamo" não é português, nem de tal palavra carecemos; possuímos de longíssima data vocabulo semelhante ao esse e com significação idêntica e até mais signifi- "reclamo", antigamente "reclamo": coisa que atrai, convicia desperta a atenção, lúde, confunde; chamaviz, chamada; anúncio pomposo; ornato, etc. Andou constantemente em uso na língua e portanto não "prescrevem". Desde os quinhentistas, Jorge Ferreira, Soropita, Fernão Alvares, de Gabriel Soares, o Padre Vieira, mestre dos mestres da língua, até Filinto, o grão Filinto, e Camilo Castelo Branco, que ainda foi nosso contemporâneo, todos que prezam, veneram e conhecem a língua portuguesa, empregam para expri-

mir a ideia da palavra francesa "reclamo" o tão nosso vocábulo — reclamo. Seria um não sóbar ao indicar falhas semelhantes ou neologismos infundados, como "atitência", e o assequível "tendencialidade"; os inadmissíveis tais como "forma de contrastos" e o "aspecto" pelo qual se objetiva a manifestação de vontade dos contramandos". Refletindo o A. que "forma" e "aspecto" são sinónimos e não importa dizer forma e aspecto como forma é forma; em filologias, como assinalar "perpetuo" o manzão do gerente numa sociedade "temporária".

Releve-me o A. estas observações pelo motivo que mais do que Oxala, sejam elas recolhidas de bom ânimo, como espero, porque são avisos benéficos da verdade se mostram irritadiças e medellicordes; e breve se depare a conjunção de ver sobre tanto que de minhas palavras se tenha proveito o Dr. Clóvis de Vilhena exigindo a linguagem e o estilo nas produções que publicar, tornando-se, além de autor notável que é, escritor bem menos insigne, que só não o é, se não quiser, como de querer, para mais realçar e perpetuar o renome glorioso já adquirido.

HERACLITO GRAÇA  
("Revista Brasileira" — Bibliografia — Tomo V — 25ª fascículo — 1.º de Janeiro de 1914 — pág. 216 a 227)



## BAILA

Heráclito Graça

"Tem a palavra um jornal da noite: — Trazendo à baila o caso da outra metade... Trazendo à baila. Isso é o que por aí laí se diz às vezes, mas não é, creio eu, o que se deve dizer, e ainda menos o que se deverá esquecer.

A baila, trazendo à baila, é que é (Lições práticas, 2.ª edição, pág. 71).

Em nota, referindo um exemplo de Castilho e outro de M. Afonso de Miranda, acrescenta o sr. Cândido de Figueiredo que *baila* não vem do arcaísmo *baillar*, hoje *bailar*, e por isso *baila* não pode substituir a velha *bailha*, nem esta confundir-se com o *bailho* que em vez de *baile* é ainda usado pela povo de algumas províncias; daí conclui que trazer à baila nada tem com o verbo *baillar* ou *bailar*, são coisas distintas as duas expressões, e que *multo naturalmente baila* veio do francês *baill* (arrendamento) e significa entre nós enumeração, menção de coisas várias pela analogia com a enumeração que nos títulos de arrendamento se faz: das coisas arrendadas!

Esta forçada etimologia de *baila*, com as iniciais razões de sua justificação, bebeu-as o sr. Cândido de Figueiredo na velha *Moira*, a quem entretanto não cita. Há mais uma agravante: *Moira*, na 3.ª edição do dicionário, depois de relacionar a locução *vir à baila*, no sentido de ser mencionada, pergunta entre parênteses: virá do francês *baill*, traduzida a palavra em razão da enumeração, que nas cortas de arrendamento se faz das coisas arrendadas? — O sr. Cândido de Figueiredo, sem advertir no disparate da origem, assevera que muito naturalmente (!) *baila* procede do francês *baill*, arrendamento.

Releva-se a pergunta a *Moira*, que era fraquíssima em etimologia e escrevia ao tempo em que esta não havia passado pelos processos científicos que a aperfeiçoaram no decurso do século 19. Ao sr. Cândido de Figueiredo bastavam os fatos da língua para repetir essa hipótese absurda e responder negativamente à pergunta.

*Baila, bailho, baile, baile* e *bailha* eram sinônimos, significando baile, festa, dança, acompanhada de canto. *Baila* não se afastou de seus sinônimos, não tinha origem diversa da deles, nem significava, como afirma sem fundamento o sr. Cândido de Figueiredo, somente enumeração: para destruir este castelo aéreo, é suficiente ler o quinhentista Antônio Prestes, no *Auto da Ave Maria*, p. 36:

... Entre em baila;  
Acodi vós com a tanger"  
O próprio *Moira* é contraditório, dando a *baila* etimologia e significação diversa das dos referidos sinônimos. No v. *baila*, diz: vir à baila, vid. *Bailho*. No v. *bailha*, remete o leitor ao v. *Bailho*. Só o *baila* e *baila* define: *função*

## OS FATOS DA LINGUAGEM - ANTONIO SALES

Acabo de ler várias páginas dos "Fatos da Linguagem", obra de admirável saber clássico, de lógica segura e de probidade literária.

E apraz-me agora recordar a saudosa figura do velho filólogo cearense, que foi também vulto de realce na política do antigo regime.

Morei alguns anos no mesmo bairro em que ele tinha a sua residência, no Catete, onde habitava sua velha casa da lado direito e tranquila rua de Santa Cristina, no sa-



onde se dança. Entretanto, dá aos verbos *bailar*, *bailhar* e *bailho* a acepção de dançar. Ora, de tais verbos vêm os substantivos *baila*, *bailhe*, *bailho* e *bailha*, e assim tinham todos eles, por causa da origem, significação idêntica, lembrando o dos verbos.

O Sr. Adolfo Coelho, no Dicionário, revelou-se observador judicioso. *Bailar*, *bailhar*, *bailho* são formas do mesmo verbo, do latim bárbaro *bailare*, jogar a bola, jogo da Idade Média e entre os Gregos era acompanhado de canto e dança. Quando trata da palavra *baila*, manda ver *bailho*, e neste vocábulo diz: "dança; fig. conversação animada em que se fala em muitas coisas. Usada só na frase *vir à baila*. Do verbo *bailar*".

*Vir à baila* ou *vir à bailha* são, portanto, formas idênticas, equivalem-se: aparecer na festa, vir ao baile e daí — ser visto, ser falado, daí locução, *ender na baila*, ou *na bailha*.

O Dicionário Contemporâneo dá como legítima — qualquer das locuções: *vir à baila*, ou *vir à bailha*.

E ainda pelo *Moira* se chega à mesma conclusão: quando escreve *vir à baila*, abona-se com a autoridade de Feo, Trat. de S. Est., disc. 4; quando escreve *vir à bailha* ou *vir à bailho*, cita a *Moira*, Tempo de agora.

A Feo agreguem-se, entre outros escritores da nota, três conhecedores da língua, Filinto, Garrett e Camilo.

... Nequid nimis  
Temo é que *anda na baila*,  
Mas que nunca se observa".  
Filinto, *Fabulas* de La Font., I, 3, f. 55.

"Os fantasmas escandinavos, caledônios e todas as outras invenções e mitologia rudica *andavam na baila* por versos e versinhos de toda a gente".

Garrett, nota C ao canto 3.º de D. Branca. "Vieram então à baila em galante mistura cavalos, cães e todas as damas daqueles arredores".

Camilo, *Romance de um rapaz pobre*, c. 5.

(Fatos da Linguagem)

pé oriental de Santa Teresinha. E uma ou duas vezes por semana eu ia, à noite, gozar sua convivência e ouvir-lhe a palavra sábia, refletida e viva.

Impregnado de leituras modernas, viciado na linguagem descuidada da imprensa diária, em que colaborava, eu sentia a necessidade de sua palestra como a da um antídoto ao ofício.

Não que Heráclito Graça fosse um purista, intolerante, indigestado de classicismo. Ao contrário disso, era um espírito liberal, entusiasta e cheio de simpatia pelas mentalidades novas, suas experiências e suas obras.

A prova é que entre os modernos escritores portugueses mais vizinhos do estilo clássico, sua predileção era por Garrett, que não anda em

cheiro de santidade perante os sectários mais ferrenhos do vernaculismo. Admirava igualmente Vieira, Bernardes, Castilho e Hercúlio; mas sem o calor com que falava do autor do "Alfajeme de Santarém".

Seu gabinete era formado de estantes fechadas onde se alinhavam as obras mais notáveis dos clássicos portugueses, e ainda as havia na salita da entrada.

Possuía uma memória surpreendente. A qualquer consulta que se lhe fazia, respondia de pronto, e logo sem hesitação abria uma estante, tirava um livro e mostrava as páginas em que se continham as passagens abonadoras de sua opinião.

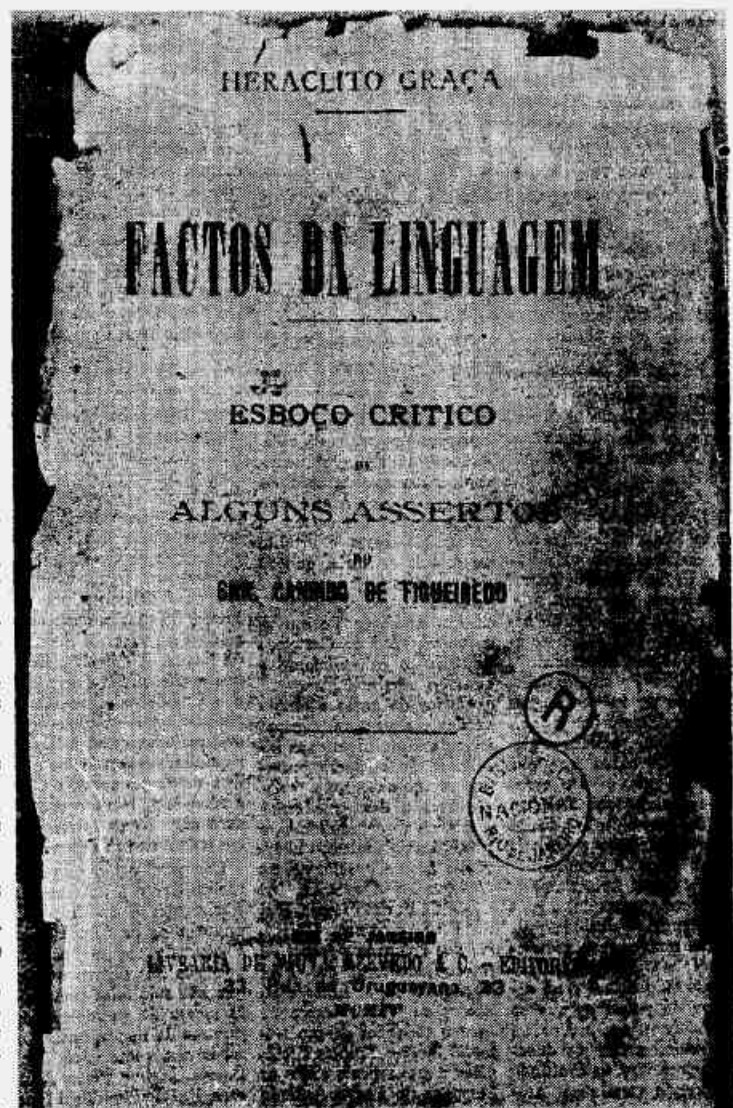
E era essa a segunda biblioteca de clássicos que formara: a primeira, mais vasta e mais preciosa, fora completamente devorada por um incêndio ocorrido anos antes em sua residência, desastre de que não se consou jamais.

Tinhamos também uma vez por outra a companhia de José Albano Filho, o Albaninho, como lhe chamava carinhosamente o dono da casa, que lhe votava grande estima e admiração.

A paixão ardente e exclusivismo de José Albano pelos velhos mestres da língua ligava o moço no ninho por um afeto profundo, e era curioso observar que o segundo era muito mais tolerante que o primeiro.

As vezes José Albano lia versos seus ao mestre, e os deixava em seu poder, sob a guarda da filha deste, a gentil e inteligente Sinhá, sua secre-

(Continua na pág. 71)



Uma street da página de rosto dos "Fatos da Linguagem", de Heráclito Graça

# RETRATO DE HERACLITO

Foi no exercício da minha profissão que conheci Heráclito Graça. Jungido ao leito, suportando dores cruciantes, o caro filólogo pátrio, com a fisionomia austera, sofredora, mas denunciando senescência vigorosa, deu-me a impressão de um estoíco que sofria por bem da sua alma. O primeiro contato com este grande estudioso despertou-me piedade e admiração: piedade, porque o via condutor de doença incurável e eu não lhe poderia remover os padeceres; admiração, porque, sabedor da profundidade de seus conhecimentos literários, *maxime* vernáculos, surpreendi de perto o que a voz dos eruditos anunciara, apesar do espesso véu de modestia que envolvia sempre tão original personalidade.

Heráclito Graça falou-me de seus males minuciosamente, interpretando-os, justificando-os, cobrindo-os, amidiando com o otimismo salutar de quem quer longamente viver, mas revelando sempre, na dor, o espírito arguto e amante da minúcia. E quando algum fato lhe escapava no histórico da doença, socorria-se da solididade da espiga sofredora e da filha amantíssima, que, joitas, entre amarguras extenuadas e tristezas atenuadas, iam auxiliando a narrativa da dolorosa enfermidade.

Ele observava que a medicina — ao azar o tempo do peregrino — *casus medicorum est propter* — no dizer de Haráclito. Depois do dizer cético, fomos impelidos, eu com o fim de distração, ele pelo automatismo do saber, fomos impelidos para a literatura.

Sob o educado no Maranhão e por seu falante da vida intelectual da Atenas lusitânica.

Pasmado de ver memória tão fresca: versos de Gonçalves Dias, trechos de Lisboa, incidentes da vida literária do seu tempo foram alegremente narrados.

A palestra não lhe foi nova, pois os sofrimentos como que se amainaram.

O fulgor do seu espírito, irradiado da fisionomia unida a dor deixava fundos sulcos, a cabeça pálida, emagrecida, de olhos em que outrora houvera magnetismo, trouxeram-me a evocação de um filósofo antigo que surgira como o símbolo do saber e da resignação.

Para o não fatigar muito, retirei-me, voltando alguns dias depois. Falou-me pouco dos males, das prescrições feitas, e do quase nulo resultado delas; e no decorrer da palestra que se desenvolveu, sempre se foi revelando, apesar da doença prolongada, o profundo glosólogo e classicista acaudado.

Infelizmente foi a última

vez que vi Heráclito Graça. Soube então que a doença se agravara e dois ou três meses após deixara o vazio imprevisível nesta Academia e nas letras pátrias.

Os seus últimos dias foram tristíssimos!

Poucos o conheciam bem; cultivara raros amigos e dentre eles o Barão do Rio Branco, de quem me falou com especial veneração, liçãoado com a amizade que lhe havia votado o grande Brasileiro.

Heráclito Graça foi um beneditino aos estudos vernáculos. Para demonstrar o seu amor paciente aos livros, basta lembrar que leu todo o *Elucidário* de Viçoso, palavra por palavra, e ao lado de cada vocábulo deixou escritos, em letra minúcia, só visível não raro, com uma lente, termos, frases, comentários, documentações do seu rico saber.

Na *finis* escreveu a seguinte nota explicativa: "O *Elucidário* contém 6.143 vocábulos; foram acrescidos 7.457, perlizando o total de 13.600". Isto é, mais do dobro do texto original.

A sua feição psicológica era a de analista e de comentador. Lacerado, considerado por ele um dos melhores dicionários da língua portuguesa, sofreu a mesma munda de crises e o replaço de milhares de vocábulos. Os comentários nasceram desde a introdução gramatical e vão atravessando as palavras, caminhando, como um rio que se espalha pela margem, inundando o volume inteiro em todas as direções as palavras impressas, nas margens, em cima, em baixo; onde há uma entrelinha se depaça uma nota, de modo a nos dar, à primeira vista, a impressão de danos causados por mãos de colegial ou de um grafomano, como não raro encontramos nos fracionários. Mas o exame acurado demonstra a construção lenta e erudita do grande solitário, que só tinha vagares para o saber! A obra do glosólogo incólto faz arrancar instintivamente a frase da Castellar: "Pasma o entendimento e causa a admiração".

Chcios de notas e observações estão quase todos: nos livros de sua primorosa biblioteca de clássicos portugueses, quinhentistas, seiscentistas e dos modernos mestres da vernacularidade, e posso, entre muitos, citar os *Leal Conselheiro*, as *Ordenações Afonsinas*, os livros de Fernão Lopes, Rui de Pina, Azurara, *Glossário das palavras e frases da língua francesa*, de Frei Francisco de S. Luís; e só acréa de Vieira escreveu quatro cadernos de um trabalho incólto. "Notas filológicas e gramaticais sobre os *Sermões* do Padre Antônio Vieira", 1.<sup>a</sup> edição, 1.<sup>a</sup> parte, por ele dirigida e por ele

impressa em Lisboa, nas oficinas de Ioam Costa, 1929.

Este homem teria sido precioso à Academia, e, se não fora de caráter retraído, poderia ter-lhe dado parte dos seus haveres filológicos. Preferiu, porém, pela feição de anacoreta, fazer dormir os tesouros no silêncio da modestia a entregar-se a uma colaboração assídua, no vosso lado.

Talvez a fama do filólogo ficasse ainda mais restrita, se um sucesso de ordem material o não impedisse a publicação dos artigos acréa dos fatos de linguagem.

O ilustre acadêmico atravessava uma fase difícil da vida, quando um dos diretores do "Correio da Manhã" o convidou para colaborador do jornal, em questão de filologia.

Iniciou então a série dos "Esboços críticos a alguns assertos do sr. Cândido de Figueiredo", publicados na edição do jornal, de 26 de fevereiro a 16 de novembro de 1913, sob a epígrafe "Notas filológicas".

Tendes conhecimento do espetáculo às vezes grandioso, às vezes assustador, das chuvas abundantes após as séas da sertão. O livro de Heráclito Graça, modestamente impresso, desmancha as primeiras manifestações, o orgânico sentimento que teria o sereno, quando, após a tristeza de uma longa noite, recebesse de chofre, para os seus campos, muita água, mas em caudal de alegria e asombro. De fato. Ouvira dizer que Heráclito Graça era exímio cultor da língua materna; isto constituía sussurro de alguns eruditos, justa reputação feita, mas sem quase documentação. Cândido de Figueiredo fizera editar as *Lições práticas da língua portuguesa*, e o vosso compunheiro para demonstrar "certos desacertos doutrinários que na sua opinião o polígrafo português cometia", provavelmente, por escassez de tempo, para consultar com vagos os mestres da língua, publicou o livro que conheceis: "O Português e o Brasileiro, disse Heráclito Graça, em estilo sóbrio e puro, sabem mal a língua riquíssima e harmônica que lhes tocou em sorte, e desdinhando-a, lêem e aprendem por livros franceses em toda a carreira da vida".

Comparei o livro de Heráclito Graça a um caudal. Realmente. A oposição aos argumentos de Cândido de Figueiredo causa pasmo, pois não há documentação que não seja feita com basta messe de exemplos dos mestres da língua, antigos e modernos, como João de Barros, Heitor Pinto, Azurara, Rui de Pina, Frei Luís de Souza, Fernão Mendes Pinto, Bluteau, Filinto, Cas-

tilho, Latino, Herclano, Rebêlo da Silva, Garrett, Camilo e até Eça de Queiroz, na última fase, o qual, no dizer do nosso pátrio, se transformara em consciencioso cultor da língua.

Talvez na paixão de erístico, impellido pela abundância do saber, agredindo cavalheirescamente, levando algumas feitas de venciada o adversário, penetrasse de mais no recesso dos alfarfios para deles arrancar os fatos de linguagem; talvez nem sempre as suas idéias e asserções lograssem a verdade doutrinária.

O português não é uma língua de bases sólidas; a sua evolução sofreu a influência natural da quase parada da civilização lusitana. Afastada um pouco da cultura moderna, obrigatória, e pela condição social das nações em que era tratada, a língua portuguesa teve de receber os revires naturais de todos os povos que se acham em progresso lento.

O desenvolvimento de uma língua deve acompanhar o estado social das nações em que é falada, e, como disse Latino Coelho, no elogio a Frei Francisco de S. Luís, "é o idioma de um povo a mais eloquentemente revelação da sua nacionalidade e de sua independência". Na linguagem andam vinculadas as suas grandezas e as suas tradições gloriosas.

O estado científico ou a filologia moderna tem revelado novos aspectos gerais, que podem ser adaptados ao nosso vernáculo. Nem sempre o que foi dito por clássicos é absolutamente puro; e podemos opor-lhes o nosso critério para o que for consentâneo e justo à inteligência da linguagem. Quer no aspecto etimológico, sintático ou semântico, as modificações não de surgir naturalmente no conceito dos povos acréa dos fatos idiomáticos.

Esta liberdade de reforma é moderada pela gramática, que acompanha de perto a língua, e diminui as mesnadas de erros da maioria. A gramática não faz estilistas, mas é uma espécie de terror necessário aos escritores.

O evoluir da língua deve fazer muitas concessões aos cultores modernos do português. Como refere João Ribeiro, "pouco valerá a razão de que a língua se acha constituída; o caráter mesmo de todas as línguas é ser um super-organismo em progresso ou em decadência, e sempre em movimento".

Cândido de Figueiredo, na resposta à crítica de Heráclito Graça, desfaz, algumas vezes com razão, na autoridade de Filinto, Camilo, Adolfo Coelho, Garrett, mas é sabido que alguns destes foram iniciados

res do renascimento, da malabilidade da língua portuguesa.

Garrett e Camilo, podendo dizer, tiraram a gravidade do português e procuraram a sua leveza e fartura, ora despertando a solenidade, ora a eriability do idioma lusitano, como fez, sobretudo, Camilo, que, depois de Vieira, deve ser considerado o malabarista mais ágil do vocabulário português.

Essa reação foi desvirtuada pelo gênio cintilante de Eça de Queiroz, e pelos osiosos brilhantes de Fialho de Almeida.

Felizmente, Raulino Ortigão, em sua sobriedade e elegância, atrevese um pouco mais ao regime dos puros, mas cedeu ao francosismo, a fim de não fugir à moda do seu tempo. Eça, que foi um dos maiores artistas contemporâneos, e que provou exuberantemente a gracilidade da língua, a sua pouca barba, fugindo da enfase e seduzindo toda a mocidade portuguesa e brasileira com estilo simples e elegante, Eça, dizia eu, poderia ter sido, pelo seu gênio, o iniciador da modernidade na fase da língua vernacular, se não vivesse tão dominado pela influência francesa, e a tal ponto que motivou a frase do conhecido crítico português: "é pena que este rapaz escreva as suas obras em francês".

Sem exagero de patriotismo podemos dizer que caber, talvez, a Machado de Assis a honra que Eça de Queiroz não soube lograr, um dos raros escritores da língua portuguesa que, pela sobriedade helênica do estilo, é comparável a Renan e Anatole France.

A enfase, porém, é a maneira habitual dos escritores dalém e daquém mar que manejam o português, e é muito difícil agradar a maioria dos leitores em nosso idioma sem a enfase e, às vezes, sem a barbaria. É, possivelmente, uma condição do nosso meio, da nossa civilização, do tropicalismo da nossa imaginação, do nosso gosto literário. Entre nós a simplicidade se confunde com a trivialidade e ai do escritor que não provar exuberância de imaginação ou riqueza de vocabulário!

Sabemos bem que o renascimento de uma língua não surge pela vontade das academias. Como disse Comte, o homem se agita e a humanidade o conduz, e se parafrasearmos a verdade do filósofo, podemos firmar a mesma lei para as línguas, que são organismos em movimento. No aspecto ortográfico, fonético, sintático, etc., as leis da linguagem moderna não podem ser moldadas cegamente pelos clássicos, sem o caldear necessário, sem o método comparativo das outras lin-



# GRAÇA - A. AUSTREGESILLO

mas da mesma origem, sem atender à época, sem consultar o espírito científico da filologia, isto é, a base do estudo da linguagem.

Foi muito mais fácil a João de Barros e a Vieira escreverem o português puro, que a Latino Coelho, a Machado de Assis e a Rui Barbosa. A razão é simples. No tempo daqueles escritores a influência sintática era latina, e Portugal floresceu e a influência da civilização espanhola. O latim já era língua morta, e a sintaxe espanhola em nada prejudicava o espírito da língua portuguesa. Hoje, não. A sugestão francesa é fatal. O predomínio do espírito científico e literário na orientação da alma latina força o escritor a desambalar, pela lei do mais forte, para o galicismo. O eaturismo, e as vezes, uma doença, como o erro gramatical; no primeiro caso é uma anelose, no segundo um parasitismo. Cumpre, pois, que o estilista moderno escolha o melhor dos males, a linguagem correta, sem perganinho nem tatuagem, sem as lesões da gramática, nem a imobilidade dos eaturismos, para falar um pouco medianamente, pois os modernos filologistas consideram o idioma um organismo vivo, e quem vos fala é clínico.

A crítica feita por Heráclito foi tão notável, que mereceu de Cândido Figueiredo a publicação de um livro, em resposta ao crítico pernicioso. Em mil e setecentos pontos doutrinários do gramático português, Heráclito Graça encontrou cinquenta e nove desacertos, mas Cândido de Figueiredo nem sempre aceita as opiniões do vosso confrade. Não poderei entrar na minúcia das discussões, mas, da minha leitura desapassionada, parece-me que Heráclito Graça revelou sempre farta erudição; muitos pontos há, defendidos pelo autor português, mas consentâneos com a verdadeira índole da língua, que os criticados pelo saudoso acadêmico.

Ficou em evidência a característica da sua vida intelectual, mas nela não se esgotou de todo a personalidade de Heráclito Graça. Nasceu no norte e lá educado, conservava do nordesta os caracteres principais: — amor ao trabalho, inteligência arguta e modestia apurada. Formou-se em direito em 1857, e fixou residência no Maranhão. Iniciou a vida pública na magistratura, como promotor, em São Luís. A serenidade da vida provinciana permitiu-lhe lazeres para o apuro do gosto da literatura, já esboçado nos tempos acadêmicos, em que fizera versos, desconhecidos do público, mas guardados pela família, como amada reliquia.

A sua tendência, porém, não se firmou na poesia. Quase todos nós temos, no princípio da formação da alma, declives para a rima, e versos mais ou menos inspirados traduzem o sentimento romântico que em nós floresce quando floresce a mocidade. O verso é um estágio, a consequência ontogênica da alma dos nossos avós, e progressivamente se vão apagando do espírito as fórmulas provisórias. Eis por que nascemos na rima e amadurecemos nas fórmulas concretas das tendências espirituais, bem diversas daquelas que nos deu a fase poética da inteligência. Feliz daqueles, porém, que nascem cantando e morrem cantando!

O poeta, na sua infância, é feliz, porque os versos podem ser lágrimas que encontram eco nas lágrimas alheias, e assim a dor do poeta corre de mão em mão, de coração em coração, e faz-nos bem à alma ver alguém sentir as mesmas mágoas!

Durante quatro anos, Heráclito Graça exerceu o ministério público; não se sentiu bem nos estreitos limites da magistratura provinciana. Quis a advocacia e o jornalismo.

O jornalismo é a feição natural com que as inteligências entre nós formam reputações literárias.

Na simbiose do jornal e da literatura, de modo que comumente os homens de letras nascem do jornal. Só mais tarde é que surge a diferenciação dos espíritos combatentes e doutrinários da imprensa e dos que serenamente lançam no papel as mágoas silenciosas e inspiradas dos sonhos.

Filando ao partido conservador, fundou o jornal político *A Situação*, em companhia de Vieira da Silva, Gomes de Castro e outros. O jornal na província constitui celeiro de paixões e há grande prazer nas polémicas violentas, agressivas, guerreiras, lutas de extermínio, que cessam, como por encanto, ao primeiro sinal amistoso do chefe político. *A Situação* era também uma espécie de órgão oficial da literatura do momento, porque nela colaboravam Joaquim Serra, Gentil Braga, Trajano Galvão, enfim, a fina flor das letras maranhenses.

As inteligências distintas entre nós perstruam, na vida social, pontos habituais as conquistas: jornalismo, letras, colímbios liberais e políticos. Heráclito Graça não poderia fugir desta trajetória; foi eleito, sucessivamente, a princípio deputado provincial, depois geral, em três legislaturas consecutivas, de 1868 a 1878, e trabalhou sempre pelo partido a que se filiara. Figura

stuspição, metal de voz agradável, palavra fácil, lógica segura, o deputado maranhense, se não foi grande parlamentar, adquiriu, contudo, o bom conceito dos seus pares, pelos pareceres e discursos que ainda hoje podem ser lidos com proveito, principalmente os que se referem ao recrutamento, à reforma judiciária de 1871 e à reforma eleitoral de 1876. O critério e a solidez em questões jurídicas puseram-no em plano superior, sobretudo nas Comissões de Contas e de Justiça, anunciando desde então o futuro jurista.

Heráclito Graça foi ainda Presidente da província no Paraíba e no Ceará, sua terra natal.

A passagem dele pela política foi um estágio, espécie de batismo forçado; mas esta não era a feição psicológica de Heráclito Graça: faltava-lhe a paixão, o nervo do combatente, a alma preparada para as comecções fortes e para os mergulhos das eventualidades. Seguiu o destino: poeta, magistrado, jornalista, político e advogado; fixou em 1877 residência no Rio de Janeiro, onde se lhe confirmaram as maiores e melhores tendências espirituais: de filólogo, e jurista, como advogado e depois consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Faltava-lhe o sentido crítico para avaliar o mérito do autor do Direito, mas o convite de Rio-Branco para que tornasse parte como advogado do Brasil nas Tribunações Arbitrais com o Peru e a Bolívia constituiu boa prova de saber e competência.

Digamos, entretanto, a verdade, que não será omissiva. O Direito não foi a fórmula eletiva do seu espírito, como o foi a Faula Batista, Teixeira de Freitas e Tobias Barreto. A feição principal, a tendência de Heráclito Graça definiu-se pela cultura da língua materna, em que vivia. Vibrava; deixou-se envolver nessa paixão, e solitário, gozou a alquimia da língua portuguesa. Permitiu que a luz da inteligência se extinguísse dos outros cantos dos seus conhecimentos para que mais se lhe aprofundasse o amor ao vernáculo. Esse beneditinismo fôra religioso e obsidente.

A não serem os íntimos e os contemporâneos que com ele mais privavam, pouca gente sabia do grau dos seus conhecimentos filológicos. Esta opinião não é pessoal. Quando Cândido de Figueiredo recebeu os primeiros artigos do *Correio da Manhã*, enviado por um amigo residente no Rio de Janeiro, recebeu também a seguinte nota explicativa: "O autor é advogado conciliante e foi deputado no tempo do Império. Não sabia em que ele se ocupasse de vernaculismo: como, porém, é filho de Maranhão, a terra de Sotero, Odório Mendes, Lisboa e Gonçalves Dias, e talvez com eles convivesse, não admira esta predileção".

E por esse amor, que quase conservava oculto, deixou de ser grande jurista ou literato, no rigor do termo, sofrendo os desgarrões da pobreza, dominado pela nota do seu caráter: modestia e escrúpulo. Este levava-o ao excesso da auto crítica e da censura aos trabalhos alheios; apurava demais a perfeição e só admitia obras impecáveis, sobretudo no aspecto vernáculo.

De uma feita, contou-me um dos amigos íntimos de Heráclito Graça, certo poeta simbolista lhe pediu juízo crítico e um prólogo para o seu livro. O filólogo, depois de ponderada leitura, aconselhou ao poeta que escrever a lira. Este, tocado no amor próprio, revoltou-se contra o juiz severo, dizendo serem seus versos novos e pertencentes a uma escola literária dominante. O sábio, cheio de bom humor, respondeu-lhe serenamente: "desde quando ouvira dizer que asneira é coisa velha".

Pena é que Heráclito Graça, um benemérito da língua portuguesa, como lhe chamou Cândido de Figueiredo, fosse alquimista e levasse para o túmulo o seu

gosto de muitos dos seus saberes.

Basta lembrar-vos que se ele aproveitasse em vida os comentários e notas feitas nos vocabulários de Viterbo e Lacerda, teríamos uma das obras mais documentadas e mais originais da língua materna.

Mas esta especialização fora impulso íntimo, raiz de ruminação, pois abundava os provectos materiais da vida em busca dos segredos, das belezas do vernáculo, que gozava com a cláudia dos grandes sombadores de tesouros ocultos.

Antes de terminar, permiti, senhores, que externar o meu primeiro voto, que será ato de justiça, e constitui certamente justa aspiração de todos vós: a volta de Heráclito Graça ao vosso seio. A obra inédita deste acadêmico é a sua vida, a história do seu sangue e da sua alma, porque nela viveu e nela morreu.

A vossa carinhosa guarda deve ser entregues os esboços, os fragmentos da obra pacientemente preparada para a vossa glória. Tendes artistas que poderiam completar o minucioso labor por muitos anos de labeio, e assim, o grande solitário que partiu, continuará a viver na vossa saúde, trabalhando ao vosso lado, ajudando-vos na construção deste edifício feliz, que possui a benção dos deuses e é defendida pelas aspirações dos espíritos literários do país.

(Discursos Acadêmicos, vol. 3.º)

## OS FATOS DA LINGUAGEM

(Continuação da pág. 68)

fora várias vezes deputado geral e presidira em dias em que o poeta não aparecia ali.

Por sinal que uma vez conspiramos publicar um admirável soneto dele, brincadeira que o contrariou bastante.

Outras vezes, durante o dia, eu procurava o filólogo, em seu escritório de advogado, um antigo sobrado do centro comercial.

Ai a biblioteca se compunha exclusivamente de obras de direito. Uma imensa cópia de volumes desbotados e poeirentos empilhava em numerosas estantes altas e escuras, na minha luz daquelas antigas e estreitas ruas onde o sol parece que nunca chega até o chão.

Empobrecido e deiludido, esse homem, que

fora várias vezes deputado geral e presidira em dias em que o poeta não aparecia ali. Por sinal que uma vez conspiramos publicar um admirável soneto dele, brincadeira que o contrariou bastante. Outras vezes, durante o dia, eu procurava o filólogo, em seu escritório de advogado, um antigo sobrado do centro comercial. Ai a biblioteca se compunha exclusivamente de obras de direito. Uma imensa cópia de volumes desbotados e poeirentos empilhava em numerosas estantes altas e escuras, na minha luz daquelas antigas e estreitas ruas onde o sol parece que nunca chega até o chão.

No compartimento contíguo tinha o escritório o conselheiro Lourenço de Albuquerque, outro sobrecarregado do antigo regime, homem de elevado espírito, de grande cultura e maneiras apri-se empilhava em numerosas estantes altas e escuras, na minha luz daquelas antigas e estreitas ruas onde o sol parece que nunca chega até o chão.

Os dois velhos amigos conversavam muito nas muitas horas vagas que tinham, e eu, só eu com Graça Aranha, gozava o encanto dessa palestra instrutiva e cheia de interesse.

(Continua na pág. seguinte)







# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

## ALCEBIADES - JOSE MARIA BELO



José Maria Belo

### Nota sobre José Maria Belo

José Maria de Albuquerque Belo, nasceu em 18 de dezembro de 1885, no Engenho Tentugal, município de Igarassu, Pernambuco. Estudou humanidades no Ginásio Lyceu Gama no Recife, e o curso de Direito na antiga Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde se tornou em 1911.

Exerceu os cargos de Redator de debates e diretor da Biblioteca da Câmara dos Deputados e Professor da Escola de Filosofia da antiga Universidade do Distrito Federal e da Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette. Anualmente procurador Geral da Prefeitura. Foi Deputado e senador federal por Pernambuco. Eleito e reconhecido Governador daquele Estado para o quadriênio 1930-1934 não foi empossado em virtude da vitória da revolução de 1930. Esteve como ajudante da Embaixada do Brasil na Conferência da Paz de Versalhes, de 1919. — Fez parte das delegações do Congresso Nacional às Conferências Parlamentares Internacionais de Comércio de Roma em 1925, do Rio de Janeiro em 1926, e de Berlin em 1929.

É também jornalista, tendo sido colaborador de vários jornais do Rio, São Paulo, Bahia e Recife.

### Bibliografia de José Maria Belo

- "Estudos Críticos" — Livraria Jacinto — Rio, 1917.
- "Novos Estudos Críticos" — Revista dos Tribunais — Rio, 1917.
- "Ensaio Político e Literário" — Livraria Castilho — Rio, 1918.
- "A Margem dos Livros" — Anuário do Brasil — Rio, 1922.
- "Os Exilados" — Romanço — Premiado pela Academia de Letras. Companhia de Livros e Papéis — Rio, 1927.
- "A Noção Filosófica e Social do Direito" — Ariel Editora — Rio, 1933.
- "Inteligência do Brasil" — Editora Nacional — São Paulo, 1938.
- "Imagens de Ontem e Hoje" — Ariel Editora — Rio, 1936.
- "Panorama do Brasil" — Livraria José Olímpio — Rio, 1936.
- "Democracia e Anti-Democracia" — Rio, 1936.
- "A Questão Social e a Solução Brasileira" — Imprensa Nacional — Rio, 1936.
- "História da República" — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1940.

### Algumas fontes sobre José Maria Belo

- João Ribeiro:
  - "Novos Estudos críticos" — "Imparcial" — 17-12-1917.
  - "Ensaio político e literário" — "Imparcial" — 15-11-1918.
  - "Os Exilados" — "Jornal do Brasil" — 2-11-1927.
- José Maria Belo:
  - "Respondendo a um inquérito literário" — "Vi-da Literária" — Maio, 1939.
  - Suas "Memórias", publicadas em vários lugares, em capítulos soltos e fragmentos.
- Mário Leão:
  - "A Margem dos Livros" — "Gazeta de Notícias" — 1924.
  - "A Inteligência do Brasil" — "Jornal do Brasil" — 1935.
  - "As Imagens do Tempo" — Idem — 10-4-1936.
  - "Um panorama do Brasil" — Idem — 1936.
  - "História da República" — Idem — 22-11-1940.
- Têm ainda estudos sobre José Maria Belo, entre outros, os seguintes críticos e ensaístas: Medeiros e Albuquerque, Amadeu Amaral, Carlos Dias Fernandes, Otávio T. de Sousa, Sérgio Milhet, A. F. Schmidt, Otávio de Brito, etc.

Mãe estorço aos. Naquela época, frequentava os jardins, o jardim da Glória. Era então, e não sei se ainda é hoje, o jardim das crianças. Todas as noites, entre as 7 e as 9, povoava-se de floreação osseolentes de bebês. Havia-as de todos os tipos: louras, de faces alvas, morenas de cabelos negros e tenebrosos; olhos azuis e ingenuos, umas olhos verdes e esmeraldas, outras; e, ainda, olhos castanhos, profundos e bonos. Havia também todos os temperamentos. Uma humanidade em miniatura. Faltavam cavalheiros, já graves, metidos consigo, orientados meigas e tímidas, garotas esportos e vivas, meninas quase adolescentes, com a graça gentil e o encanto dominador e pálido de sexo. Agradava-me o seu encanto a minha educação senhora sentia-se bem naquele mundo infantil. Vi-tinha então das primeiras leitoras de Michel, de Theuriot, de Jé-lis Diniz, de escritoras novas e castas. O vanejo de Eça e de Anacleto corria mais tarde. Como era curioso observar o des-sabrochar daqueles pequenos seres, as primeiras manifestações das personalidades próximas. Havia os violentos, que tudo quia-riam resolver pela força, os tí-midos, os fracos, alguns mais, quase todos bonos e generosos, os que nasceram para obedecer e os que nasceram para mandar, e nos quais o instinto da multi-

plão reconhece o chefe natural, condutor necessário.

Entre todas as crianças, guar-de a imagem de uma — Alcebi-ades. Foi-me os olhos e o reve-lar a infância. Era dos mais valentes. Alto, esbelto e forte. Não vi jamais tão formosa cri-çura. Deus deu-lhe tudo. Era o mais belo, o mais inteligente, o mais nobre de todos. Foi, na-turalmente, o chefe de bando; todos os companheiros lhe sen-tiam a superioridade instin-tiva. Quando erguia no ar a sua ca-pa de fôlha de Flandras, os outros reconheciam naquele pe-queno herói, de cabelos anela-dos e olhos castanhos e pen-santes e futuro sonhar. "Ave Cesar"!... As pequeninas abri-gavam-se à sua sombra. Dispu-tavam-no. Alcebiades! E ele se-parava os inimigos que se de-gladiavam, resolvia contendas, protegia os fracos, demava os fortes.

Ficava duas horas, ficaria a noite inteira, a um banco de jar-dim, admirando Alcebiades e o seu grupo, alegrando-me da sua alegria ruidosa e ingenua. A mãe de Alcebiades era a minha com-panheira habitual. Uma suavia e doce criatura, no seu eterno vestido preto de viúva, com o seu sorriso, claro, os seus gestos brandos. O que conversávamos então! Alcebiades era o seu or-gulho e sua esperança. Senha-vamos juntos o seu futuro. To-das as vitórias da vida. Nanhuma mulher resistiria ao seu olhar; nenhum homem ao seu gesto de domínio. Havia de ser general. Nós o víamos no clamar e no fogo das batalhas, herói de poe-mas. Outras vezes, eram deci-sões mais tranquilas: diplomata, vanejo nas chancelarias e nos salões, médico e sábio, políti-co e condutor de homens, minis-tro e presidente da República, engenheiro, rasgando estradas no limbo virgem do país. Alcebiades! Alcebiades! Tu honra-rás e os teus gloriosos nomes.

Uma noite, Alcebiades não veio. Procurei por todo o jar-dim aquela face radiante de cri-ança e aquele perfil suave de mulher, com seu sorriso claro e os seus gestos brandos. Outra noite, e outra, e outra. Tinham desaparecido misteriosamente. Model de bairro. Os anos desper-zeram, lentos e vãos. Nunca mais soube de Alcebiades. Que teria sido ele? Deu na terra o seu método?

Um dia destes, entrei no Cor-reio Geral. Era domingo. Ra-ras pessoas. Os empregados co-nheciam-me e calor da tarde aba-fada. Tive pena de os desper-tar. A um canto, um moço pá-lido lia atentamente, metido den-tro de uma gaiola como uma fe-ra mansa de circo. Aquela po-daria atender-me, registrando-me a correspondência. Aprox-i-me-me. Quando ergueu os olhos de livro, vejo diante de mim o re-lato "Manual do Perfeito Secre-tário" — procurei-me que vi-ra, algumas, aquelas faces pá-lidas, aquelas cabeças caeladas,

asoladas, agora hirsutas, coladas sobre o rosto. Não conseguia, entretanto, lembrar-me de muitas recordações. Ia retirar-me, quan-do um outro empregado dele se aproximou, chamando-o: "Alcebiades"! Era pois o Alcebiades do estorço meus pen-sões? Por que aquela formosa criança, orgulho e esperança da mãe, deusa das mulheres, da mais suave das mães, vendia trinta-moisas ao Correo? Fiz-me conhecer e salmos juntos. Entrá-mos juntos. Entramos em um café e ele contou-me a sua his-tória. Era simples e vulgar.

Depois da morte da mãe, na-quele ano em que a cambaio se-jardim da Glória, fora entregue a um tio. Tivera a educação cívica de um moço brasileiro, frequentara um colégio e cursa-va uma Escola Superior. For-mara-se e ano passado em edu-cologia. Entrara em concurso ao Correo e, agora, era praticante. Ganhava pouco, mas tinha es-peranças na vida. No Meyer, era leitor e prestava alguns servi-ços ao coronel Hendrix, que lhe prometia um emprazo melhor no Matadouro. Estava noivo de uma das numerosas filhas de capitão Meira, funcionário apen-tado da Estrada de Ferro. O sogro auxiliava-o tratava mes-mo de lhe manter consultório em Anchieta, e já lhe consen-tira uma patente da Guarda Nacio-nal. Um pouquinho daqui, um pouquinho dali, arranjava a sua vida. Ainda sábado, acrescentou corinha, acorria numa contenda de bicho; dava para comprar o anel do dentista... Contava-me tudo, desceu a minúcia num flu-xo fácil, contente consigo e com o mundo. Era um vencedor. Con-quistava lentamente todas as etapas da vida. E sonhava. Cas-torço antes do ambiente brasi-leiro tinham feito da criança re-diante do outeiro este pobre me-cho de hoje, com as suas ambi-ções miúdas as suas pequenas esperanças, e sua inutilidade so-cial, e seu parasitismo triste. Alcebiades, funcionário público, oficial da Guarda Nacional, polí-tico de embrião, jogador de bi-cho, leitor do "Manual de Per-fecto Secretário, membro da Associação Espirita, e provavel-mente, de alguma sociedade cor-ruptora... estava completo. Nada faltava à sua glória. Lembra-me-me do pequeno Alcebi-ades, nascido para dominar e pa-ra vencer, a mais belo, a mais forte, a mais inteligente das cri-anças. Falhou tudo. O estorço suas de educação burguesa han-taram para matar em embrião os mais fortes virtudes. Fobre mais... Os Alcebiades se acor-dei infinitamente, para des-graça própria e maior desgraça tua.

Entorção. Alcebiades tinha de-jantar com a noiva. Despedindo-se. De pé, na calçada, fiquei ain-da alguns momentos a vê-lo des-cer a rua decerta, com os seus enlaxados, a sua roupa mal feita a sua barba de cinco dias, a sua raclada morta, e seu aritritismo das vidas sedentárias, para o seu triste e lauto destino. Alcebiades! Tu és um símbolo... Tu mereces um poema... (Des Ensaio Político e Litt-erário.)



# CONTEMPORÂNEA -

## FLORIANO PEXOTO

2.ª SERIE - ANTOLOGIA DA PROSA  
XX JOSE' MARIA BELO

Retrato - JOSE' MARIA BELO

A renúncia de Deodoro da Fonseca elevava a presidência da República a seu substituto constitucional e velho companheiro de classe, desde a campanha do Paraguai, o general Floriano Peixoto. Quem era este homem? Que herança recebia? Como cumpriria a missão que lhe determinavam os acontecimentos?

Nenhuma figura da História brasileira tem sido mais discutida do que a sua. Inspirou aos seus coevos ardentes fanatismos e tremendos ódios. Ainda hoje, quase meio século depois do seu governo, nem sempre é fácil julgá-lo com serenidade. Somente o decurso do tempo poderá extinguir os derradeiros ressaibos dos sentimentos extremos que despertou. Nesta aptidão para acender as paixões dos que viveram na sua época, e, mesmo, dos que procuram contemplá-lo dum plano histórico, reside, naturalmente, o primeiro sinal da sua superioridade ou, pelo menos, da sua originalidade. Não se lhe confunde a personalidade, envolta em vago mistério, que desafia a argúcia psicológica dos seus críticos e historiadores. Euclides da Cunha popularizou-lhe a alcunha de Esfinge; os que tentavam decifrá-la foram friamente devorados...

Não se distinguia Floriano por nenhuma qualidade exterior de fascínio e de domínio. Desencantado de si mesmo, máscara medíocre, de traços inexpressivos e adontados. Falta-lhe, por exemplo, o porte marcial, o "clan", o olhar lampeante de Deodoro. Não se lhe vibra a voz arrastada de homem do Norte; não se lhe impõem jamais os gestos e as atitudes. Pela perfeita impossibilidade, como por outras virtudes e defeitos, lembra Benito Juárez, vindo da mesma origem ameríndia. Não tem brilho a sua inteligência, que é, especialmente, a intuição divinatória dos homens. Escassa a sua cultura, quase reduzida aos conhecimentos técnicos da sua profissão. Não revela curiosidades intelectuais, dúvidas, aflições de vida interior. Desdenha o dinheiro; deixam-no completamente indiferente as comodidades materiais da vida. Despreza a humanidade, e por isto mesmo nivela facilmente todos os valores que o cercam. Confundindo-se de bom grado nas multidões lamidas dos ruas, conserva-se, entretanto, impenetrável a qualquer intimidade. A família, de pequeno estilo burguês, esgota-lhe, porventura, a capacidade afetiva. Como os de sua raça cabocla, é um desconforto irredutível. Não se abre nunca. Simples e acessível, embora, é incapaz de intempestivas familiaridades, de graças e alegres pilherias, tão fáceis sempre em Deodoro. No fundo, um triste. A sua ironia, tão farsante no vasto aneddotário que corre por sua conta, tem sempre alguma coisa de gelida e de cruel dos temperamentos ressentidos e amargos.

Apesar de todas estas qualidades negativas de êxito, soube, todavia, como nenhum outro brasileiro, conquistar entusiasmos ardentes, coloridos, muitas vezes de mistificação. Se, para a maior parte das elites brasileiras, Floriano pôde ser uma expressão das forças mais bárbaras da

alma do país, uma espécie de retardado na crosta da civilização litorânea, ou do que, em outro plano psicológico e outras condições sociais, seria, por exemplo, para os norte-americanos, ainda educados no clima de Washington, de Jefferson e de Hamilton, a presidência do rude Jackson, para a enorme massa dos seus contemporâneos incarnava justamente o que havia de mais profundo, mais sincero e mais telúrico na nacionalidade. Quebrado o verniz da sua vida, mal adaptado a modelos exóticos, o Brasil primitivo encontraria perfeita correspondência na fria, astuciosa e indomável psique do seu herói caboclo. Assim, pôde ser por muito tempo, e ainda hoje, um símbolo da nação autêntica dos sertões imensos e brutos contra a nação artificial das cidades, que o Império alimentara e os bacharéis e jornalistas do Governo Provisório supunham intangível...

Na galeria política do Brasil, era desconhecido até então o seu tipo. Na primeira fase da nossa vida independente, tinham florescido alguns homens de poderosa vontade, profundamente marcantes, como José Bonifácio, Feijó, Bernardo de Vasconcelos. No 2º Reinado, outros homens de governo, como Paraná, Olinda e Ouro Preto, distinguiram-se pela energia autoritária. As guerras do Prata e do Paraguai revelaram alguns heróis militares de arrogante bravura, como Osório, Bortoso, Tamandaré, Pelotas, Deodoro. Em Caxias aliam-se singularmente o gênio militar e o senso da moderação política, que lhe facilitara a obra de apaziguamento dos odios fratricidas. Mas nada tinham de enigmáticos: todas estas figuras se revelam nitidamente aos primeiros entrecolhos dos acontecimentos em que se envolviam. Floriano era uma surpresa psicológica. Reproduzia, no avismo das suas origens étnicas, o caudilho característico da América espanhola, o caudilho talvez da mais pura sub-espécie, taciturno, reservado, desdenhoso de pompas exteriores, amando o poder como uma forma de projeção da própria personalidade, não hesitando ante violências que julgasse necessárias, indo, possivelmente, até à crueldade, mas, ao mesmo tempo, cuidadoso de certos formalismos legais e burocráticos.

Nada tinha de extraordinário a carreira de Floriano até o advento da República. Nasceu em 1839, num engenho do litoral alagoano, próximo de Maceió, de modesta família de agricultores, sem a prosápia e os hábitos de fidalguia dos grandes latifundiários da zona de açúcar do Nordeste. Os pais pobres, sobrecarregados de uma prole de dez filhos, entregaram-no aos cuidados de um tio, senhor de engenho de maiores recursos e envolvido nas tempestuosas lutas partidárias da província. Completando o curso secundário ou de preparatórios, como se chamavam, então, as humanidades propedêuticas, num colégio do Rio, assenta praça num batalhão de infantaria, para, em 1861, matricular-se na Escola Militar. Faz um curso sem relevo especial, distinguindo-se antes pela força e agilidade físicas e pelo gosto de punir porcos de bico do teatrinho de Escola. Naquele mesmo ano de 1861, conquistou

o primeiro posto de oficial: alferes de artilharia. Em 1865, segue para a campanha contra o ditador do Paraguai, comandando em Uruguai a pequena esquadilha fluvial, que impõe a junção das forças inimigas. Já se distingue pela bravura fleumática do tipo de Fábio ou de Tibério, e que lhe justifica em parte a promoção a posto imediato. Toma parte em várias grandes batalhas, como Tuiuti, Itororó, Lomas Valentinas, Augusturas, etc. Começa a popularizar-se entre os companheiros a sua fria intrepidez: De uma feita, ter-se-ia exposto passivamente às balas inimigas para dar exemplo de coragem a soldados amedrontados. Semano volta ao Brasil quando a guerra termina com a morte de López, e elevado já ao posto de tenente-coronel, reluzente de condecorações militares.

Com o retorno à paz, a carreira de Floriano burocratiza-se como as de tantos outros militares. Preenche várias comissões sem maior importância, com frequentes intervalos de repouso no engenho alagoano do tio, que o educara e que 1872 se tornara seu sócio. Em 1882, fiscalizando os escandalosos exames ginasiais de Maceió, por parte do governo central, tenta moralizá-los, e no ano imediato é promovido a brigadeiro, equivalente, na hierarquia militar de hoje, a general de brigada. Comandante das armas em Pernambuco e Ceará, deve ter aplaudido discretamente a campanha pela libertação dos escravos, pois é aclamado sócio honorário do clube abolicionista — "Cesrá Livre" — do Recife. Em 1884, é nomeado presidente e comandante das armas da província de Mato Grosso. Interessasse pelo desenvolvimento da indústria extractiva do mate, e procura reprimir os índios selvagens que ameaçam frequentemente a própria cidade de Cuiabá, segundo os métodos violentos empregados pelos pioneiros dos Estados Unidos e pelos caudilhos da Argentina. Deixa-se atrair pelas lutas políticas, alistando-se no Partido Liberal (Deodoro pertencia ao Conservador), e toma mais viva atitude no movimento abolicionista. Em certa época, pensa em reformar-se para explorar o engenho de Alagoas. Comandante da 2ª Brigada, com sede na capital do Império, é nomeado incessantemente ajudante-general do Exército. Com a ascensão do ministério liberal de Ouro Preto, conquista o penúltimo posto da hierarquia — marechal de campo — e é efetivado nas funções de ajudante-general. Nestas altas situações da carreira e da administração militares, encontra-se a República.

Qual fora a sua atitude antes do novo regime? Como tudo que se refere a Floriano, é sempre difícil nitida resposta. Para os seus ardentes correligionários da primeira hora, ele se inclinava há muito tempo pela República, discretamente comprometido na conspiração militar que derrubou o trono de Pedro II. Mas o chefe do último gabinete monárquico, Ouro Preto, confiava absolutamente na sua lealdade às velhas instituições; e os seus companheiros de classe, não sabiam como os receberia o ajudante-general do Exército, que tinha sob o seu imedia-

(Continua na pág. 76)

# A CRISE ECONOMICA - JOSE' MARIA BELO

Há seis anos que, especialmente, homens de governo, publicistas, jornalistas e simples curiosos discutem a crise econômica desfrugada pelo Gluck da Bolsa da Nova York e que tem enchendo a vida de mil apreensões e dúvidas. Uma crise de super-produção, eis o primeiro e fácil diagnóstico. As crises econômicas, como as sociais ou políticas, são, por definição, reações violentas contra erros anteriores ou, mesmo, penitências necessárias de delitos acaso cometidos. Provações coletivas, elas não raro depuram os povos, revelando-lhes capacidades latentes ou

virtuosismo de cada, como a M.H.G., retração do crédito, inadimplência e o sofrimento depressivo, induzindo irritação dos espíritos, refletindo-se em dificuldades sociais e políticas. Mas, está aí a sua sintomatologia clássica. Habitualmente a crise se manifesta, manifestando-se sob dois aspectos: deficiência na oferta ou excesso da oferta sobre a procura. Não têm importância hoje as primeiras; corrigem-se automaticamente pelo estímulo geral às atividades produtivas. As segundas traduzem ruptura muito mais grave entre a produção e o consumo. Queda vertiginosa dos preços e salários, paralisação do trabalho, CHG-

mais profunda e, portanto, maior alcance e mais graves consequências. Mera crise de super-produção, teria determinado imediatamente violenta baixa de preços, o que nem as estatísticas norte-americanas e nem as europeias confirmam, pelo menos para os de retalho. Salvação de consumo seria completa explicação, desde que, teórica e praticamente, não se atingirá jamais o limite das necessidades humanas, exacerbadas pelo próprio progresso civilizatório. O que deve haver, pois, sob tal aspecto, é o extraordinário desequilíbrio entre a possibilidade

de produção e do consumo. Sinalme, discípulo de Marx, lembrando as condições trágicas do momento, o fatal equívoco do capitalismo. As crises econômicas são de origem endógena, isto é, emanam do próprio sistema econômico, não refletindo causas externas. Para lutar contra a concorrência e realizar o máximo de lucros, o capitalismo eleva ao extremo a capacidade de produção, conservando, todavia, o baixo nível da capacidade aquisitiva das massas proletárias.

(Do Penetramento da Brasil)

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

## JOAQUIM NABUCO

José Maria Belo

"EXCERTO"

Nasceria para a vida exterior. Lembra-me, às vezes, a frase de Sainte-Beuve sobre Chateaubriand: um epicurista, com a imaginação católica. Nabuco teria mais do que a imaginação: teria sentimento católico, porque, tato curioso, este cegante, capaz de preocupar-se com as minúcias da "toilette", de estudar ao espelho um gesto, uma atitude, vaidoso, contente de si e de sua beleza, sensível a glórias, foi uma alma séria e grave. Sua admiração pelo doce Renan, de quem tanto fala, provém, creio, mais de atitude literária, de encanto natural pelo suave estilo, do que de analogia de temperamentos. Dois espíritos diversos. Renan foi um cético que cultivava com delícia o jardim da dúvida e da nulidade. Só acreditava na beleza. Desconfiávamos tanto da sinceridade de suas confissões, quanto da fraqueza dos seus juízos literários sobre poetas que lhe ofereciam livros de versos. Mentiras de "pura eu-trapelia ou pequenos fogos-fátuos literários, exigidos pela necessidade de uma frase bem equilibrada".

Nabuco não duvidou jamais de Deus e dos homens. Foi um ideólogo, um sonhador, e, paz, todavia, de agir, de se dedicar a uma grande obra social como a abolição. Mais tarde, quase na velhice dirá ("Pensées Detachées"), analisando a influência de Renan, que a filosofia deste não era de molde a bastar-lhe a imaginação. Quebrado o encanto literário, o ceticismo de Renan começou a fatigá-lo.

"Desde a Academia, escreveu Nabuco, a literatura e a política alternaram uma com a outra, ocupando a minha curiosidade e governando as minhas ambições". Na primeira fase da mocidade, o predomínio da política; depois, ao tempo da primeira viagem à Europa, o predomínio da literatura. Novamente a política, no período da campanha abolicionista; ainda uma vez, a literatura, quando supõe encerrada a vida pública pelo advento do novo regime, e, finalmente, a política exterior, quando, transigindo dignamente com as suas convicções, aceita a representação do Brasil na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Caberia aqui estudar as influências literárias, filosóficas e políticas, que atuaram na formação intelectual de Nabuco. Diz ele que,

desde mogo, lera muito, mesmo na época em que se sentia mais homem político do que de letras. Em filosofia, lera e assimilara Spinoza, Hegel, Kant; em exegese religiosa, Strauss e Renan; em crítica literária, Sainte-Beuve e Taine; em poesia, Lamartine, Hugo, Musset, Heine, e mais tarde, Shelley, Goethe e Banville; em história, o eloquente Macaulay, e, posteriormente, Taine, Mommsen e Ranke. No romance, ficou quase exclusivamente em Júlio Sandau, "à sombra dos seus antigos, reconstruídos pela moderna burguesia, entre as duas sociedades, a velha e a nova, que ele queria fundir pelo amor..." E mais forte ainda do que a impressão que lhe deixara Sandau, foi a que ele classificou de aristocrata e feminina, dos estudos de Cousin sobre a sociedade do século XVII. Dominando todas as influências literárias, a de Chateaubriand e Renan, e, atuando paralelamente, a dos escritores políticos e de direito público, entre outros Bagehot, Burke, Tocqueville, De Maistre e Olivier.

E' muito difícil determinar a contribuição das idéias, separando-as entre si, num espírito culto como o de Nabuco e, principalmente, quando se tem — foi este o seu caso — certa inquietação, certa universalidade, que não permitem a fixação dentro de um sistema rígido. Não se adquire a cultura por sucessivas canudadas, que se justapõem e que, depois, se possam isolar.

Que vestígios deixou Nabuco, a metafísica de Kant? O determinismo de Taine? O ceticismo e a ironia de Renan? A arte verbosa e quente de Hugo? A estética de Banville? Como descobrir aqui, afluências, neste ou naquele livro, o que pertence a cada um deles? Até à idade madura, Nabuco esteve todo voltado para o mundo exterior, para a vida ativa. Só o tentava o aspecto brilhante das coisas. Foi a característica e publicamente orador e publicista, dando a esta palavra acepção tão ampla que possa abranger,

por exemplo, Burke e Bryce. Não lhe seria

possível um momento de abstração, em que os olhos se voltassem para dentro de si mesmo. Queria agir e ser um valor social. Visavam a um fim imediato e concreto as suas idéias. Sómente mais tarde quando lhe nasceram os primeiros cabelos brancos e a vida pública lhe parecia encerrada para sempre, foi que se fechou no silêncio e na paz da vida interior para escrever a MINHA FORMAÇÃO e os PENSEES DETACHÉES. Nesses dois livros é mais fácil encontrar o sulco das leituras da mocidade e de todo o tempo. Mas, antes destes, Nabuco escreveu outros, agiu, falou, durante dez anos no Congresso e na tribuna popular. Para estudá-lo, compreendê-lo, o melhor método será de acompanhá-lo e a vida dos seus momentos e etapas da vida...

(Da Inteligência do Brasil)

*João Maria Belo*

"Fac-símile" da assinatura do sr. José Maria Belo

# FLORIANO PEIXOTO

(Continuação da pp. 75)

ta responsabilidade a defesa do quartel-general assediado e do ministério nele recolhido. Parece que, no fundo, Floriano, tendendo sempre à ambivalência, como todos os homens de sua família psicológica, se mostrava indiferente a formas do governo. Realista frio, oportunista político, ele somente se decidiria na hora extrema. Nem o seu chefe Ouro Preto, nem o Império lhe mereciam o sacrifício de jogar forças de reserva no quartel-general contra as tropas amotinadas de Deodoro. Adere à República, provavelmente sem os escrúpulos da consciência afetiva de Deodoro. Mais tarde, quando chega à sua chefia suprema e a defende contra as revoluções, o exaltado e mórbido nacionalismo dos jacobinos procura divinizar na sua figura o republicano perfeito, que o positivismo ortodoxo já adotara como símbolo da ditadura redentora.

Na sua correspondência particular, em regra, de nulo interesse, são vagas as alusões à política, que ele apreciava somente através de rivalidades dos dois partidos rotativos. A "questão

militar", que apaixonara tantos dos seus colegas e acabara por levar Deodoro à revolução republicana, não chega a abalar-lhe a displicência. Entretanto, em carta íntima a um amigo, datada de julho de 1887 e da província, ele lhe faz curtos comentários: — "vi a solução da questão de classe: excedem sem dúvida à expectativa de todos. Fato único que prova exuberantemente a podridão que vai por este pobre país e que muito necessita da ditadura militar para expurgá-la... Como liberal que sou, não posso querer para o meu país o governo da espada; mas há quem desconheça, aí estão os exemplos, que é ele que sabe purificar o sangue do corpo social, que, como o nosso, está corrompido..." Na época da sua ditadura, a semelhantes palavras poderia ser atribuída significação profética. Floriano já traçaria consigo o próprio caminho... Mas, no meio da sua banal correspondência, dois anos e meio antes da República, elas têm apenas o sentido de uma irritação ou de um desabafo passageiro. Continua pacificamente a servir o Império. Nas vésperas do golpe militar de 15 de

Novembro, exercendo o posto de maior responsabilidade do Exército, parece perfeita sua atitude. No dia 13, agradece a Ouro Preto pequeno favor que lhe solicitara, acrescentando que o chefe do governo "já devia ter conhecimento de que tramavam algo por aí além, mas que não desse importância a isso e confiasse na lealdade... dos chefes, que estavam alertas..." Dois dias antes destas palavras tranquilizadoras, Floriano ter-se-ia entendido pessoalmente com Deodoro, oferecendo-se como intermediário para qualquer solução conciliatória, e, afinal, ante a impossibilidade de acordos, afirmara, numa das suas frases pitorescas e sibilinas: "enfim, se a coisa é contra os 'casacas', tenho a minha espingarda velha..." Chegara, então, a pedir dispensa do cargo de ajudante geral e reforma do serviço ativo, sendo dissuadido de ambas as tentativas. Recordamos, em outro capítulo, como se portou na manhã de 15 de Novembro e o seu curto diálogo com Ouro Preto...

(da História da República)



# CONTEMPORÂNEA - 2. SERIE-ANTOLOGIA DA PROSA

## PEDRO II - XX JOSE' MARIA BELO

### JOSE' MARIA BELO

#### "RETRATO"

A análise do regime extinto em 1889 redax-se quase ao estudo das figuras que o encarnaram ou o definiram, a começar, naturalmente, pela que se encontrava no pináculo. Desta forma, antes mesmo de sumarizar as condições econômicas e sociais dos derradeiros anos do Império, convém recordar em alguns traços a personalidade de Pedro II.

Não há, atualmente, outra que tenha merecido melhor atenção dos biógrafos e historiadores nacionais. Depois do rápido período de exaltação jacobina, em que foi voga eliminá-lo, Pedro II tornou-se alvo de permanentes louvores. Dir-se-ia que no seu elogio quase incondicional há uma espécie de fuga ao passado. O Império encerraria as nossas saudades, e o velho rei, "neto de Marco Aurélio", seria impecável modelo para os governantes brasileiros... Se, como homem privado, as suas grandes virtudes lhe fazem esquecer pequenos defeitos, como homem público, como guia ou condutor de um povo jovem não se lhe excusam as falhas com a mesma facilidade. Meditando sobre o longo reinado, temos, muitas vezes, a impressão de que mais o preocupava preparar o ambiente que lhe agradava ao feito pessoal do que construir a nação real e viva. Não foi um estadista; faltava-lhe a visão de conjunto, o gosto da política, as orações de ousar.

Honesto cumpridor de deveres, patriota sincero, tocado mesmo de certos preconceitos nativistas, realizava o melhor tipo do alto funcionário público. Era intangível a dignidade da sua vida privada; alto e espontâneo o seu desprezo pelo dinheiro; instintiva a sua repugnância pela desonestidade e pela falta de compostura moral. Inteligência não muito acima do mediocre, incapaz de se comover ante os aspectos de beleza artística da vida, amava as atividades do espírito, embora na sua constante preocupação de comércio com escritores e sábios estrangeiros houvesse um tanto de exibicionismo provinciano. Sinceramente liberal e generoso, sem sempre, no entanto, soube esquecer e perdoar. Voluntarioso, tenaz, por vezes até à obstinação, como na insistência em que fica quase isolado, de levar a guerra do Paraguai até aniquilamento pessoal de Lopez, ou nos excessos do seu regalismo na questão com os bispos de Pernambuco e do Pará, era, em regra, um tímido, essencialmente contemporizador, talvez desencantado e cético.

Não tinham irradiação a sua inteligência e a sua própria bondade. Não soube fazer amigos, inspirar dedicação e entusiasmos. Era um isolado, mesmo no pequeno mundo de mediocridades intelectuais em cujo comércio mais se comprazia. Não no estimavam os políticos que com ele serviam por quase meio século; muito menos as inteligências mais brilhante e mais independentes do Brasil do seu tempo. Nada lhe fora transmitido da impetuosidade de Pedro I. Como acontece com a maioria dos homens, estava muito mais perto, psicologicamente, da herança materna. De D. João VI recebera, porventura, o ânimo pacífico, o gosto do trabalho, a capacidade de dissimulação, sem igual visão arguta de administrador.

A infância segregada e triste, os erros imediáveis da primeira educação explicam-lhe naturalmente os principais aspectos do caráter grave e retraído. Medroso e sobre sem esforço, desdenhava as exterioridades brilhantes do mundo, embora tivesse o orgulho, não confessado, de sua estirpe. Não estimando a política, nem as desportos físicos e nem a vida social, teria fatalmente de relegar-se ao mundo interior do pensamento. Mas como este não era, afinal, de longo fôlego, não lhe permitindo uma alta compreensão filosófica ou religiosa da vida (foi sempre um tanto "voltaireano", à maneira de um M. Homais culto) ou uma sensibilidade estética excepcional, evaziava-lhe, de algum modo, o destino.

A minuciosa tarefa do expediente diário, o prazer de censor, o "gênio das bagatelas" descontentam-lhe, talvez, o ídio íntimo, concorrendo também para limitá-lo os horizontes intelectuais. Educa a nação como um paciente mestre-escola. Fiscaliza-lhe estreitamente a vida, numa minúscula disciplina burocrática. Liberal por índole e cioso de sua auroreola de "Rei filósofo", tenta contê-la nos quadros do constitucionalismo parlamentar. Mas sabe melhor do que ninguém que tudo emana de sua vontade. Podendo ser impunemente um tirano ridículo, como os que aviltavam as Repúblicas da América Latina, "fingiu" nobremente que "governava um país livre". Como a de quase todos os homens, dentro de certas constantes morais, é possível distinguir a evolução psicológica de Pedro II em duas fases distintas. Findaria a primeira antes dos cinquenta anos, no termo da guerra do Paraguai. Ele é o supremo árbitro da vida do país, um tanto insulado do mundo. Disfarça menos a própria autoridade. Liberto das que lhe tutelaram os primeiros anos de reinado, sente-se na plenitude de suas forças. Desapareciam as gran-

des figuras vindas do Primeiro Reinado e da Regência, como Feijó e Bernardo de Vasconcelos. O ativo Paraná pôde realizar sob "inspiração augusta" a política de conciliação, que eliminaria as fronteiras ideológicas dos partidos, facilitando, consequentemente, a ação do poder pessoal do soberano. O casamento, sem amor, dá-lhe uma esposa modelar de virtudes domésticas. Os nascimentos dos filhos completam-lhe a felicidade do lar e o enchem de esperanças. Torna-se menos reservado. O Brasil é-lhe grato pela paz e pela ordem interna, que parecem ainda mais preciosas comparadas com a desordem endêmica do Continente, simbolizada, por exemplo, na tirania de Rosas. Ele é que dá impulso à política intervencionista no Prata e estimula as primeiras e modestas tentativas de progresso material. As insolências do ministro inglês Christie revoltam-lhe o pudor de patriota. A guerra do Paraguai absorve-lhe os melhores cuidados. Quando esta termina, retoma os velhos sonhos abolicionistas, com as habituais cautelas do seu temperamento.

A campanha do Paraguai, como observa justamente Joaquim Nabuco, vale pelo primeiro grande contacto do Brasil com o mundo além das suas fronteiras. Bem ou mal, ela nos focaliza no plano diplomático. Quebrávamos o velho isolamento. Começam a repercutir mais vivamente as grandes correntes intelectuais do século passado. O romantismo renova a cansada seiva literária, de tão pobre sabor reísel; os primeiros conhecimentos da filosofia positivista e agnóstica abrem as elites das escolas superiores à nova compreensão dos fenômenos do mundo físico e moral. De certo, não era edificante o exemplo das repúblicas sul-americanas, que melhor conheceríamos no decurso da campanha do Paraguai. Entretanto, agia como dissolvente da idéia monárquica, tão exótica na América republicana e equitativa. O pesadelo da escravidão humilhava as melhores consciências. Provavelmente, o Império não teria resistido a uma derrota militar, como, no mesmo ano do fim da guerra do Paraguai, não resistiria o de Napoleão III. Vitorioso na perseguição e morte de Lopez, Pedro II conseguiu protelar-lhe o desaparecimento.

Mas ele mesmo se transforma. Envelhece precocemente no corpo e na alma. Dir-se-ia que o grande esforço da campanha militar o fatigara, destruindo as ilusões que pudesse ter sobre a sua missão no Brasil. Pouco a pouco, abandona as prerrogativas de que era mais cioso. Atento ao quotidiano dos seus deveres funcionais, parecem pesar-lhe demasiado as funções ou encargos mais altos do governo. As suas viagens à Europa e à América do Norte não como evasões às coisas aborrecidas que o cercavam. Correndo apressadamente países e cidades, fazendo sobre as coisas ilustres pelo passado ou pela beleza artística, que visitava, as vulgares observações dos turistas medíocres, confundindo, muitas vezes, o valor dos homens eminentes que procura, redimindo-se, no entanto, neste aspecto, pelo pressentimento da revolução musical de Wagner e pelo respeito aos gênios de Pasteur e de Edison, Pedro II esforça-se por esquecer os cuidados do governo. Na sua longa correspondência de viagem, por exemplo, ou em outros documentos análogos, não se revela jamais a preocupação do estadista. Parecem-lhe indiferentes os problemas econômicos; alheia-se das formidáveis transformações sociais que a civilização capitalista da máquina determinava na Europa e nos Estados Unidos. Interessado muito mais, ou parece interessá-lo, o estudo do árabe ou do hebraico. Afigura-se, por vezes, um pequeno burguês intrado por uma pequena negociação, vagamente sentimental, da "City", em férias mais prolongadas pelos museus ou pelas ruínas históricas do Continente. Devora livros, sacia a curiosidade do espírito por toda a parte, e não omisse, como produção intelectual, ir além de alguns mediocres sonetos e de algumas páginas em prosa, ainda mais mediocres. As suas próprias cartas, escritas sem gosto literário, não revelam nenhuma espontaneidade de idéias ou de sentimento, nenhuma forte reação emocional ante as coisas que mais admira. A gente de sua família, esposa, filhos, genros ou netos, era incapaz de suprir-lhe as falhas, criando, por própria conta, um ambiente de vivas simpatias públicas ou de irradiação pessoal. Típica família burguesa, onde não se eleva ao primeiro plano nenhuma figura. Tudo, pois, indicava ao próprio Pedro II que o Império acabaria com ele. A nação não tolerava sequer a idéia da chefia do Estado em mãos de uma princesa, piedosa e digna, mas casada com um príncipe estrangeiro, profundamente antipático, embora, muitas vezes, com injustiça, ao sentimento público...

MARIO DE ANDRADE



Mario de Andrade

No dia 25 de fevereiro último, o Brasil sofreu, em seu patrimônio espiritual, uma grande e profunda perda: a morte de Mario de Andrade.

O ilustre poeta paulista sucumbiu a um ataque de angina do peito, o a sua morte representou a mais brutal das surpresas para os seus amigos.

Mario de Andrade tinha 52 anos, pois nasceu em 9 de outubro do 1893.

Sua vida foi toda dedicada ao estudo, à meditação e à pesquisa.

Perencendo àquela melancólica geração que alvoreceu para a vida do pensamento quando estava em plena auge a primeira configuração mundial, deixou refletir em seu espírito as dores e as angústias daquele momento crucial do mundo.

Seu primeiro livro foi publicado em 1917 e trazia um expressivo título — "Há uma gota do sangue em cada poema". Com depois outras coletâneas de versos — "Poesia desvalhada", "Lamento caqui", "Clan do Jaboti", "Remate de Malés".

Simultaneamente à publicação de sua obra de prosa — "A Escrava que não é Isaura" (coleção de estudos de crítica: "Amer, verbo intratativo"; "Macurama", "romances"; "Primeiro andar" e "Bela Arte", "contos"; "Pequena história da Música", etc.).

Era um dos valores representativos do movimento literário que se iniciou no Brasil depois da primeira Grande Guerra, movimento que não imprimeiramente é chamado "Modernismo". Faz parte da "Semana da Arte Moderna", ao lado de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Menotti de Píschia e outros. Foi sempre considerado o seu prestígio entre os escritores que pertencem a esse grupo, e é o era chamado o "Papa do Modernismo".

Neste aspecto, sua atuação tem que ser devidamente fixada. Seu "Macurama" — romance, rapidamente é e o chamavam poema em prosa, e que o chamavam contos, e não é mais do que um inventário facendo do nosso folclore, na que o nome folclore tem de mais substancial e de mais característico.

Essa constante ancor pelo folclore levou Mario de Andrade a se interessar por tudo o que continha o espírito peculiar do Brasil. Em viagens às mais diferentes regiões brasileiras, recolheu uma contribuição preciosa e valiosíssima de documentos musicais e orais do folclore.

Durante algum tempo, esteve à frente do Departamento Municipal de Cultura, de S. Paulo. Ali sua atuação foi ampla e proveitosa. Criou a nova Biblioteca e a Biblioteca do Estado, organizou o 1.º Congresso da Língua Nacional Cariada e fez promover, a preços acessíveis aos estudantes e aos operários, esplêndidos recitais e concertos nos grandes teatros de São Paulo.

Foi ao deixar este cargo que Mario de Andrade veio residir no Rio, convidado para o cargo de professor da Faculdade de Filosofia, na cadeira de Estética. Enquanto exercia o magistério, colaborava, como crítico literário, no "Diário de Notícias". Casou-se, porém, do Rio, E, saudades de sua Paulicéia, para lá regressou.

Em 1943, ao completar o escrí-

(Continua na pág. 88)

(da "História da República")

# UM "PALACIO DAS BELAS ARTES" - Raul de São Vitor

O grande sucesso que vem Guignard alcançando, com a apresentação dos seus alunos mineiros ao povo carioca, na exposição aberta no Instituto dos Arquitetos do Brasil, nos enche de satisfação e nos fortalece na campanha que iniciamos com o fim de atrair a atenção dos que lidam com o poder público no nosso país, para que concedam aos artistas modernos um Museu, que lhes recolha as obras de mérito e que lhes proporcione os meios de cultura de que tanto carecem.

O prefeito de Belo Horizonte que entregou a direção do Instituto de Artes ao consagrado pintor modernista, tornou uma realidade o sonho de termos uma instituição amparada oficialmente e destinada ao desenvolvimento da arte moderna no Brasil. Muito rapidamente pôde ele colher os frutos do seu idealismo, pois é comovedor verificar o progresso que em um ano Guignard conseguiu dos seus alunos. Mostram-nos eles,

através dos seus originais trabalhos, como a Arte é múltipla na sua manifestação e como o talento, quando livre e bem orientado nas suas características, fulge desde os primeiros traços, desde as mais singelas experiências. É assim que, para o encantamento do nosso espírito, contemplamos a variedade das emoções que animaram os artistas mineiros ao executarem de maneira tão pessoal os lindos

desenhos que nos enviaram. Poetas ou realistas, irônicos ou sonhadores, ansiosos por uma ideal expressão de arte ou voltados para a interpretação da forma e da cor local, a todos temos diante dos nossos olhos quando contemplamos a preciosa coleção que de Minas nos chega, trazida pelo querido mestre. Congratulamo-nos com o povo mineiro, porque possui uma escola que será o foco de irradiação da moderna arte brasileira, o que trará para Minas Gerais, já possuidora de tantas preciosidades artísticas, a brilhante situação de se tornar o maior e mais evoluído centro de arte do Brasil. Que o exemplo se faça sentir aqui na capital da República, para que também tenhamos um maior desenvolvimento artístico e para que possamos ver solucionadas tantas dificuldades com que an-

dam a braços quantos trabalham em prol das nossas Belas Artes. Há pouco tivemos notícia da injustificável situação dos pórticos do nosso Museu, que se encontram abarrotados de obras preciosas, destinadas à lenta destruição. Fica assim focalizada a necessidade de termos não somente um Museu de Arte Moderna, mas um Palácio de Belas Artes, neste Brasil em que os palácios surgem cada dia mais magníficos, com todas as finalidades, desde o abrigo da gigantesca burocracia, até à ostentação de condenáveis vaidades, para exibição de fortunas que não possuem. Nada mais natural, portanto, mais simples e mais justo, do que acalentarmos a esperança de que também nos surja, para a proteção e enriquecimento do nosso patrimônio de arte, o sonho do Palácio das Belas Artes, destinado a conciliar todos os interesses e a nos dar o perfeito Museu que o povo brasileiro, culto e artista, tanto merece possuir.



"Paisagem" — Desenho de um dos alunos mineiros de Guignard. Figura entre os trabalhos expostos no Salão dos Arquitetos

## A MORTE DE LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA - MUCIOLEÃO

Meu amigo Luiz Mariano de Oliveira morreu há dois dias, vitimado por uma simples cardíaca, que o surpreendeu no curso de uma plateia. Tinha 75 anos de idade, e era ainda um rio e destemido nadador das praias de Niterói. A última vez em que o vi — não faz ainda um mês — ele me levava, à Av. Almeida, algumas poesias, alguns sonetos de sua lavra, que eu lhe havia insistentemente pedido para publicar. Levou-me também uma fotografia sua, pois a publicação dos seus versos eu desejava fazer acompanhar da publicação de um seu retrato. Como não sabia que fotografia havia eu de escolher, levou-me duas: uma, uma fotografia comum; ele em traje civil, na expectativa, talvez, de uma carteira de eleitor; a outra, uma fotografia graciosa e rara: ele vestido de uma linda roupa de banho de mar, uma roupa de esplêndidas listras vermelhas e verdes!

— Que é isso? — perguntei com certo assombro, olhando a segunda fotografia.

E Luiz me explicou:

— É um retrato meu. Tirado há poucos dias, num banho de mar em Icaraí.

Confesso que senti certo espanto e talvez certa inveja também — ao contemplar o retrato daquele velho que ia beirando os 80 anos e que ainda posava, como se fosse um rapaz, vestido de roupa de banho de mar. E diante do meu espanto, Luiz sorriu e explicou:

— Pois fique sabendo, meu caro, que é coisa que eu não desprezo — o meu banhozinho de

mar! Todas as manhãs lá estou em Icaraí. E quer saber de outra coisa? — conservei hoje o mesmo fôlego dos vinte anos. É possível boiando horas esquecidas...

Foi esse o hercúleo e simpático amigo que perdi na manhã de ante-onze.

...

Mas os senhores precisam saber que Luiz Mariano de Oliveira não era apenas um bom nadador das praias de Niterói. Não, senhores! Ele era também um homem de apurado gosto literário, um amigo da poesia, um estudioso, um poeta.

Explicar-lhes-ei, em primeiro lugar, que Luiz Mariano de Oliveira pertencia a uma estranha família de poetas. Era ele filho de José Mariano de Oliveira e de D. Ana Ribeiro de Mendonça, os quais se casaram no ano remoto de 1848, e se multiplicaram creto que em 17 filhos. Desses, quase todos vieram a ser poetas — ou, pelos menos, quase todos firmam versos. Um deles atingiu a glória suprema, e foi considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. É o Alberto, o nosso grande Alberto de Oliveira.

Tão fulgido se tornou o nome de Alberto que os outros irmãos, temendo talvez a inferioridade do confronto, desistiram de publicar seus versos.

Luiz, por exemplo, passou a vida fazendo castigados sonetos parnasianos, e tanta era a sua mestria no gênero que Alberto submetia os próprios trabalhos à crítica

desejando sempre o vigilante. Amava os decassílabos bem sonoros, os alexandrinos bem respiradecentes. E seus íntimos sabiam que o seu maior sonho seria o de poder um dia publicar uma coletâneazinha de seus trabalhos selecionados... Nunca chegou a fazê-la, contudo.

De seu estro há muitas páginas que podem ser citadas. Esta, por exemplo, que mais parece uma oração a margem do "intermezzo" de Heine:

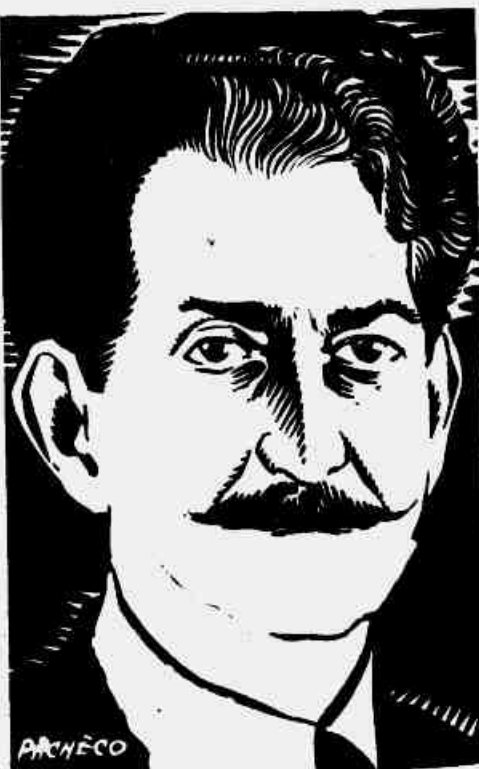
### CONTRASTE

Dinís, ao ver-me entrar — Jesus!  
(Como vem feio!)  
Que tristonho vendante!... E  
que moribundo olhar!  
Tudo pelo ar, modificado-se,  
(ou creio,  
Mas a coração, que o mantém  
a pulsar!

Ea, chegando, direi — Olá! Hei!  
(Como tudo é belo!)  
Conserta o mesmo grupo, o mesmo  
perfeição,  
O mesmo riso de arco, o mesmo  
olhar de estrela...  
Se não guardas consigo o mesmo  
coração.

...

Esse rio radador das praias de Icaraí, esse poeta, que, tendo tão meigo, foi, tão modesto, esse cavalheiro gentil, sempre pensando num galanteio sem malícia para o dizer a uma dama — foi, sobretudo, um homem de bondade intensa. Isso o sabiam todos os seus amigos, e esse aspecto de sua vida (Continua na pag. seguinte)



Luiz Mariano de Oliveira, num desenho de Armando Portinari





No Embaixada do Brasil em Lisboa. O embaixador João Nogueira e o secretário da Embaixada, nosso querido companheiro Ribeiro Couto.

## A MORTE DE LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

(continuação da pag. anterior)  
para ora o que mais o impunha no círculo vasto de sua família.

Sua cunhada por Alberto, quando a grande poeta, nos últimos tempos, estava, solitária e chorosa, como que procurando a ca-

maneira, que nada veio a faltar ao poeta.

Quando Luiz percebeu que o irmão se achava condenado, inclinou-se para a sua casa de Natal. Era uma pequena casa propereira, quase direis, humilde.

Mas em noite arranjada de tal

maneira, que nada veio a faltar ao poeta.

Alberto soube reconhecer a bondade com que era acolhido e tratado, e poucos dias antes de morrer, em uns dos últimos momentos de lucidez que teve, chamou Luiz

para a beira do seu leito. Tencu

com a mão incerta a mão rude do irmão, atagosa com ternura, e depois disse estas palavras:

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

— Luiz, não se hão de mais e não se hão de mais.

## DOIS POEMAS DE MENOTTI DEL PICCHIA

### SOBRE O TUMULO DO ÚLTIMO HOMEM

Aqui há terra, terra, só terra,  
cálcio, bário, ferro, fósforo, magnésio,  
material suficiente  
para renovar no mundo  
a angústia e a esperança.

### MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO

No leito em que me debruço  
sobre teu corpo — ô amada! —  
ronda uma vida invisível  
que quer viver à luz clara.  
Nem sequer é pensamento  
— potência de ser, mais nada —  
uma forma ainda em futuro,  
um destino sem morada.

Nosso desejo a desperta  
do bojo escuro do nada.  
É todo um esquema de vida  
misteriosa e embrionária,  
algo sem corpo e sem alma  
mas que é já vida esperada.

Esse espectro de destino  
— rei, bandido, artista, louco?  
vida heroica ou fraccassada —  
cerca o leito em que me curvo  
sobre teu corpo, ô amada!

E assim ronda o amor dos homens  
(prazer da carne, mais nada).

## Quatro poemas de Maria das Dores Pereira da Silva

### IMPOSSÍVEL!

**T**ALASTE-ME... Depois,  
arrependido, voltei.  
Acertei, os meus culpos  
Encarguei, carinhosa, de  
tuas lágrimas; mas tu não partiste  
do meu...

As portas do meu coração  
não mais se abriram para re-  
ver-te... Minha solidão en-  
luta-se de tua ausência...

**ESPERA INÚTIL**  
**N**TEM, na magnífica so-  
litude do jardim...  
Tentei o silêncio clauda que  
se aproxima, e contive-me as  
lágrimas, a te esperar, meu  
amor...

E tu, garson, desamou e  
foi longe, sobre tuas vestes ino-  
cência...

Tubo-me esperando até ao  
velho sol, meu pobre amor...

**Q**UANDO tu ado hante, a  
vichinha conta a can-  
ção da Cadeira Vazia...  
e a canção da tristeza aben-  
çoa-te em silêncio...

E a mala é uma e não se con-  
funde a minha solidão... A en-  
dureza, vazio do teu peito, é a  
luz que cruza do teu coração...

Na tua tola e crua e não de-  
cebeu razão...

**PASSAROS SEM TEMPO**  
**M**UITAS vezes, meu amor,  
muitas vezes, meus olhos  
olham a tua ausência em silêncio  
de morte...

Alguns, não são pássaros  
e não cantam, mas sim, são  
almas...

## CRAWFORD WILLIAMSON LONG

(continuação da 1.ª pag.)  
prospéramos práticos e fisiológicos  
na esfera da cirurgia.

A Medicina norte-americana  
na tinha resolvido um dos  
angustiosos problemas com  
que, desde séculos, vinha se  
debruçando a Ciência. Mas  
se solucionara algumas inoge-  
nitas, suscitara outras, con-  
correndo de não o estranhá-  
cio para o progresso da me-  
dicina.

As suas consequências me-  
ditadas eram patentes:

1.º — O ato operatório  
que até então representava  
uma luta entre o doente que  
se debatia e os auxiliares que  
o procuravam conter — ob-  
rigando o cirurgião a precipi-  
tarse, afim de tornar o ato  
breve possível — o sofrimento  
que era obrigado a provocar  
— tornou-se um processo tran-  
quilo e humano.

Observa a cirurgia de pre-  
stidigitação. Era a alvarada da  
cirurgia científica.

2.º — Ela aplacou o terro-  
no para o advento da anesté-  
sia. Assim disse o preclaro  
Sir Clifford Allbutt:

"With anesthetics ended  
slaphdash surgery; anesthetics  
gave time for the theories of  
Pasteur and Lister to be

adapting to practice". (Como  
os anestésicos trouxeram a re-  
carga dos golpes immitu-  
bles, a anestesia proporcionou  
uma oportunidade para que  
as teorias de Pasteur e Lister  
fossem adotadas na clínica).

3.º — O clareamento, intro-  
duzido por Simpson, favore-  
ceu ao observador com as me-  
nos condições propícias.

4.º — A cirurgia ginecoló-  
gica tornou-se, como especiati-  
dado.

5.º — A medicina experi-  
mental adquiriu um elemen-  
to valioso para as suas pos-  
quias ao mesmo tempo que  
obtinha um argumento pre-  
sumativo contra os histeri-  
smos dos antiviviseccionistas.

Depois a Anestesiologia é um  
ramo autónomo da ciência.  
Os processos de anestesia se  
multiplicaram e aperfeiço-  
aram de modo maravilhoso.

Assim, a Cirurgia auxili-  
da pela anestesia e, a prin-  
cípio pela antiseptia e, depois  
pela aspsia, não encontrou  
mais barreiras à sua ação ben-  
fazeja. Ela que, a princípio,  
procurava evitar a dor da  
operação, hoje, vai adiante,  
procurando operar a própria  
dor. O grande mestre Silas

Weir Mitchell, de Philadé-  
lphia, bem presentava, com a alma  
(conclue na 2.ª pag.)

## GALERIA DE ARTE



N.º 39 — Dora Camargo — "Auto-retrato"

# A DATA DE RUI BARBOSA

Quarta-feira última, 1 de fevereiro, transcorreu o vigésimo segundo aniversário da morte de Rui Barbosa.

Tendo vivido pouco mais de setenta anos, Rui foi, no Brasil, em todos os aspectos de sua vida e em todos os aspectos de sua personalidade, um símbolo.

Jornalista e jurista, advogado e escritor, gramático e homem de governo, publicista e orador, político e financista — em tudo isso foi grande, e seria impossível dizer em qual desses aspectos terá sido maior.

Com tudo isso, o traço de Rui Barbosa que mais forte-

gioução do nosso povo parece ter sido o seu sincero amor da liberdade — aquele destemido amor, que sempre o norteou. Esse amor da liberdade levou-o a dar o primeiro brado que o mundo ouviu em favor de Dreyfus, perseguido pelo torvo preconceito anti-semitico dos juizes franceses. Levou-o à atitude histórica incomparável da Conferência de Haia. E o levou, de 1914 a 1917, a realizar a sua memorabilíssima campanha contra os propósitos guerreiros de Guilherme II.

Figura sob todos os pontos de vista impar — o grande Rui Barbosa bem merece esse culto cada vez mais vibrante e profundo que os brasileiros lhe dedicam.

Evoçando, hoje, a sua grande figura, queremos tornar a publicar o seu "Credo Político", página de tão alto fulgor de estilo e de tão elevatíssima idéias.

## MARIO DE ANDRADE

(Continuação da pág. 7)

ter os elementos para a idade, ou intelectual, ou física, e, de forma geral, os intelectuais de todo o Brasil, incluindo os grandes brasileiros.

Mário de Andrade pertenciu à Academia Paulista de Letras, e estava agora publicando em uma série de vinte volumes as suas "Obras completas".

## ADVERTÊNCIA

(Conclusão da pág. 11)

cesso de comprovação dos argumentos de que se serviu. E com o título "Fatos da Linguagem" saiu o livro.

Fevereiro de 1901.

## CREDO DE RUI BARBOSA

Creio na liberdade onipotente, criadora das nações robustas; creio na lei, emanação dela, o seu órgão capital, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regime, não há outros poderes soberanos, e o soberano é o Direito, interpretado pelos tribunais; creio que a própria soberania popular necessita de limites, e que estes limites vêm a ser as suas Constituições, por ela mesmas criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra os seus impulsos de paixão desordenada; creio que a República decal, porque se deixou estragar, confidando-se no regime da força; creio que a federação pecetará, se continuar a não saber acatar e elevar a justiça; porque da justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito, da opulência a respeitabilidade, a duração, o vigor; creio no governo do povo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituíram sempre o mais reprodutivo emprégo da riqueza pública; creio na tribuna sem táticas e na imprensa sem restrições, porque creio no poder da razão e da verdade; creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades.

Rejeito as doutrinas de

## Crawford Williamson Long

(Conclusão da pág. 7)

de poeta que tinha, que a anestesia lavoura de trazer a "Dentil of Pain". (A morte da Dor).

As contradições a um mês dorado de benefícios que a anestesia tem prodigalizado a Humanidade, reverenciamos a memória de Wells, a memória de Mottou, a memória dos grandes médicos do "Massachusetts General Hospital". São nomes, são símbolos que representam uma das maiores conquistas realizadas no domínio da luta contra o sofrimento pela Medicina dos Estados Unidos da América do Norte.

"All is but a symbol..."

(Longfellow)

(Do livro a sair "Os 10 Heróis da Medicina Norte-Americana")



Prof. Rui —, seu desenho de Armando Pacheco

# A VIDA DOS LIVROS

O. CARNEIRO GIFFONI — *Estética e Cultura* (Ensaios) — 165 páginas — Letras Editora Continental Ltda. — São Paulo.

KARL MAY — *A Caravana de Escravos* — Tradução de Benedito Bandeira — 383 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre.

MARCUS SANDOVAL — *Água da Fonte* (Poesias escolhidas) — 96 páginas — Gráfica Nacional Ltda. — Rio de Janeiro — 1944.

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE — *Confissões de Minas* — 274 páginas — Amerie-Edit. — Rio.

Coletânea "Grandes Poetas do Brasil" — *Poesias completas de Junqueira Freire* — I — Inspirações do Claustro — Edição rigorosamente revista, com um estudo de Roberto Alvim Correa — 222 páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1944.

Coletânea "Grandes Poetas do Brasil" — *Poesias completas de Junqueira Freire* — II — Contradições poéticas e Poesias esparsas e inéditas — 183 páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1944.

MARCELO GAMA — *Via Sacra e outros poemas* — 152 páginas — Edição da Sociedade Felipe d'Oliveira — Rio — 1944.

CORONEL ARTURO BRAY — *La España del Brazo en Alto* — 210 páginas — Editorial Ayacucho — Buenos Aires.

THEODORE ROOSEVELT — *Nas selvas do Brasil* (Tradução de Luis Guimarães

Junior) — Ilustrado com fotografias tiradas por Kermit Roosevelt e outros membros da expedição — 328 páginas — Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura — 1943 — Rio — Imprensa Nacional.

MARIA EUGENIA CELSO — *O Solar Perdido* — 139 páginas — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio — 1945.

ASTROJILDO PEREIRA — *Interpretações* — 301 páginas — Liv. Editora da Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1944.

DANTAS MOTTA — *Planície dos mortos* (poesias) — Editora Flama Limitada — São Paulo — 1945.

M. FRANCIS TOYE — *"La Base Latine de la Littérature Anglaise"* — (Une conférence à l'Académie Brasileira de Letras le 24 Jun 1942, sous les auspices du P.E.N. Club do Brasil par) — 32 páginas — Publication de la Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa — Rio — 1943.

"REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS" — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — n. 54 — Novembro — Dezembro de 1944 — 144 páginas — Composto e impresso na Gráfica Santo Antonio — Rio.

OSORIO LOPES — *Quando Israel encontra* — 27 páginas — Rio — 1944.

NELSON HUNGRIA — *Cultura, Religião e Direito* — Conferência realizada na Faculdade Católica de Direito, no dia 29 de Agosto de 1943 — Rio — 1943.

BOA DE QUEIROZ — *Homens e Idéias do*

Século XIX — Antologia organizada e prefaciada por Vianna Moog — 309 páginas — Coleção Clássicos e Contemporâneos, dirigida por Jaime Cortezão — Dois Mundos Editora — Rio — 1944.

MADELEINE GEN L'E VERRIER — *Ruge o Revolta na França* — 263 páginas — Tradução de Nidia da Saudade Cortezão — Coleção Documentos para a História da Guerra — Edições dois Mundos — Rio — s.d. (1935).

JAMIL ALMANSUR HADDAD — *História Poética do Brasil* — (Seleção e introdução de — História do Brasil narrada pelos poetas — Linóleos de Lívrio Abramo, Manuel Martins e Claudio Abramo — 442 páginas — Editorial Letras Brasileiras Ltda. — São Paulo.

J. F. DE BARROS PIMENTEL (Embaixador) — DUMBARTON OAKS — (Carta das Nações Unidas) — Ensaios — 29 páginas — Dezembro — 1944 — "Jornal do Comércio" — Rodrigues & Cia. — Rio.

JOAO DAUT D'OLIVEIRA — *A Conferência de Rye e o Momento Econômico Brasileiro* (Discurso ao reassumir a Presidência da Associação Comercial do Rio de Janeiro em 10 de Janeiro de 1945 — 32 páginas — Rio — 1945.

RAMIRO HERBERT DE CASTRO — *Hulla Branca* (ensaio) — 369 páginas — Tip. Batista de Souza — Rio de Janeiro — 1945.